

A stylized map of the African continent is centered on a light blue background with horizontal white lines. The map is filled with various cultural and religious symbols. On the left side, there is a yellow section with a green bird, a red section with the letters 'BR' in yellow, a green section with a yellow plant, a yellow section with a red sun, a yellow section with a brown drum, a yellow section with a brown anchor, and a brown section with a yellow vine. On the right side, there is a yellow section with a crescent moon and a yellow 'A', a yellow section with a black silhouette of a woman's head, a red section with a black bird, a yellow section with a black silhouette of a woman's head holding a fish, and a yellow section with a black silhouette of a woman's head holding a fish. The text is centered over the map.

# Viver e morrer no candomblé: Moralidade candomblecista e Ensino de História

Juliana B. Costa

COSTA, Juliana B. *Viver e morrer no candomblé: moralidade candomblecista e ensino de História*. Rio de Janeiro: UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ProfHistória – Programa de mestrado profissional, 2022.

Texto guia anexo da monografia de especialização em mestrado profissional do Programa de pós-graduação *strictu sensu* ProfHistória apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador (a): Selma Pantoja

Palavras-chave: candomblé, moralidade, ética, história

Eu elogio para o espírito do  
caçador  
Eu elogio o que tem domínio ele  
mesmo  
Eu elogio o dono do banco do rio  
Eu elogio o mágico da floresta  
Caçador que nunca falhou  
Espírito sábio que oferece muitas  
bênçãos  
Dono do pássaro guia para  
conquistar ao medo  
Eu o cumprimento  
Asé  
Oriki de Oxóssi



## ÍNDICE

Aos professores.....	1
Introdução .....	2
África nos seus primórdios .....	4
Origem e migração populacional.....	Erro! Indicador não definido.
Primeiros povoamentos .....	6
Clima e vegetação.....	7
Principais idiomas .....	8
O conhecimento através da oralidade.....	9
Formas de conhecer: imagens.....	10
Formas de conhecer: versos e escrita.....	11
Divisão linguística.....	14
Principais reinos e povos.....	1Erro! Indicador não definido.
Escravidão e diáspora africana.....	16
Etnias africanas no Brasil.....	17
Brasil: o caso nagô e jêje.....	18
África Central Ocidental.....	19
Sobre as casas de candomblé no Brasil.....	20
Moralidade candomblecista e a influência iorubá.....	27
Valores éticos iorubás e sua inserção no Brasil.....	28
Conclusão .....	31
Referência bibliográfica.....	32

## *Aos professores*

No momento de informações e desinformações, revisionismos históricos, juntamente com os usos preconceituosos da história, o papel do professor para o desenvolvimento do pensamento crítico ganha extrema importância. Criar métodos para que o discente possa ler e interpretar os discursos em disputa e ainda aprender a se posicionar através de seu saber histórico crítico, se faz fundamental.

Assim, os presentes roteiro e vídeo pretendem auxiliar os docentes e alunos para que a história seja ampliada não só no currículo escolar, mas também nas mentes curiosas. Almejo um recorte mais amplo da história africana e afro-brasileira, permitindo que o tema em questão se sobreponha a cronologia. Desta maneira, é possível desenvolver a habilidade de análise de uma temática em uma longa duração, observando as transformações e pontos que se cruzam ao longo do tempo.

O roteiro aqui se desenvolve para além do tema proposto, pois pretende dar uma visão mais ampla sobre o continente africano e sua confluência com o Brasil para que possa ser inserido nas aulas de uma maneira mais fluida e significativa, aprofundando a organização de sociedades africanas e da cultura afro-brasileira, conforme as Leis 10.639/03 e 11.645/08 referentes à história e cultura africana, afro-brasileira e indígena. É recomendado que o professor (a) primeiro fale sobre o continente africano e sua importância cultural no Brasil para então iniciar os vídeos de forma mais contextualizada.

Neste caso, o tema acerca da moralidade candomblecista pode ser explorado como uma maneira histórico-filosófica para se entender comportamentos e pensamentos de origem africanos que permeiam ainda o cotidiano de sociedade africanas e no Brasil, sobretudo nos terreiros. Por isso, o uso das entrevistas áudio-filmadas que podem ser acessadas no seguinte link: [https://drive.google.com/file/d/1Hme14QfS6lgY\\_A0wXUK6N0ePkwe7DsID/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Hme14QfS6lgY_A0wXUK6N0ePkwe7DsID/view?usp=sharing)

Tais entrevistas foram feitas ao longo da pesquisa do mestrado profissional ProfHistória-UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) entre 2021-2022. Os entrevistados, todos ligados aos terreiros de candomblé, ajudaram imensamente no sentido da pesquisa em interligar práticas e pensamentos candomblecistas com a moralidade de influência iorubá, relacionada a povos da África Ocidental. Ademais, O candomblé será usado no singular para englobar um conjunto litúrgico, práticas sociais, comportamentos e modos de pensar que foram formados ao longo da colonização brasileira, mais exatamente entre séculos XVIII e XIX, imbricando elementos da cultura europeia, indígena e, sobretudo, africana, ou seja, não é simplesmente um amálgama religioso.

Portanto, como professora tenho compromisso com a qualidade da formação dos alunos e como cidadã almejo uma sociedade que respeite minimamente os ideais democráticos, relacionados aos direitos civis e direitos humanos para que as desigualdades sociais e as intolerâncias tenham finitude. Assim, espero que este roteiro e vídeos ampliem seu trabalho e permitam a formação cidadã dos alunos.

## Introdução

O presente trabalho se iniciou após observações feitas ao longo dos anos no magistério. Sendo professora de História do Ensino Fundamental II, tentei enfrentar o desafio de cada vez mais inserir o ensino acerca da África e da cultura afro-brasileira, incluindo as religiões. Diante desta missão, encarei diversas vezes o preconceito da comunidade escolar, a falta de conhecimento sobre o assunto ou nem sequer quererem tocar em tais assuntos. Ao mesmo tempo, percebia práticas racistas durante as aulas e mesmo quando me dispus a ensinar e questionar esses embates, a barreira do preconceito ainda se mantinha grande e muitas vezes eu não consegui lidar de forma eficiente naquele momento com tal embate.

Então, era preciso pensar além, levando em conta o protagonismo negro, exemplificado na cultura e nas religiosidades afro-brasileiras, a luta contra a intolerância religiosa, a descolonização do currículo escolar e a inserção de práticas interculturais e da ética da alteridade no ensino. Isto é, falar da história africana e afro-brasileira e o desenvolvimento de seus saberes, desmistificando-os, e promover a autorreflexão na escola através de uma nova proposta curricular: os valores éticos e morais do *candomblé*. Assim, permitir a convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular suas diversidades [ou priorizar uma em detrimento de outra] para fomentar o potencial criativo resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos. (CANCLINI, 2004, pp.: 15-20). Nesse sentido, tal ideia também não busca o proselitismo e sim, demonstrar elementos culturais e filosóficos africanos que permeiam o *candomblé* e podem ser utilizados nas aulas das Ciências Sociais para melhor se entender princípios cosmológicos e éticos de certos povos africanos e seu contato com o Brasil.

Com base nas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, a educação se pretende combativa ao racismo, ao sexismo, à homofobia, à xenofobia, a todo tipo de preconceito e na defesa dos direitos humanos. Diante disto, é necessário refletir sobre as culturas e povos invisibilizados e minimizados no currículo escolar e que devem fazer parte da prática educativa, ainda que nem todos os temas propostos nas Diretrizes sejam almejados neste trabalho. Por isso, queremos problematizar posturas e atitudes pautadas no ódio, na imposição da homogeneização de identidades, na incompreensão do outro, em sua alteridade, buscando o diálogo, a convivência e a solidariedade entre os diferentes, e não somente, o reconhecimento do direito à existência do “outro” como a tolerância prevê. Pois, dessa maneira, o ato de tolerância não exigiria um esforço maior na compreensão do outro em sua alteridade, no reconhecimento de sua cultura e valores no mesmo patamar de igualdade. (COELHO, I., 2016, pp.: 53-55).

Esta pesquisa se baseou nos modos de pensar e práticas que influenciaram certos elementos culturais brasileiros, tendo como ênfase as casas da nação *nagô-ketu*, da nação *jêje-mahi* e a ligação com o grupo *Bamboxê*. O termo *nação* passou a ser usado por europeus na África remetendo ao senso político-administrativo dos Estados europeus, aos portos em que os escravizados eram embarcados ou seguindo as articulações africanas, era ligado ao parentesco, englobando etnia, religiosidade, território, língua e governabilidade. A partir do séc. XVIII, com as migrações e guerras africanas e a maior intromissão de europeus no continente, o termo se torna mais genérico, colocando diversos grupos, relativamente próximos cultural e territorialmente, dentro de poucas classificações, como *iorubás*, *nagôs*, *jêjes*, *angolas*, etc. (PARÉS, 2018, pp.: 23-62).

Assim, a nação *ketu* (*nagô*, falantes do *iorubá*) se orienta historicamente para o antigo Reino de *Ketu*, na atual Nigéria (África), um subgrupo dos falantes do *iorubá*, assim como os habitantes de *Oyó*, de onde provém o grupo *Bamboxê*. Conforme os reinos *iorubás* foram crescendo a sua expansão cultural também se expandiu, incluindo o culto aos ditos *orixás* (divindades locais), absorvendo e mesclando os cultos entre cada cidade das regiões sob

influência iorubá. De fato, divindades de outros povos, como os voduns, do antigo Reino do Daomé (Benin), também entraram nesse cruzamento. Por isso, coube participar da entrevista também o participante da nação jêje-mahi, de culto vodun.

É salutar precisar que *nagô* usado no Brasil até hoje para se remeter aos povos ligados ao iorubá não era utilizado na África, sendo construído conceitualmente pela etnografia brasileira, entre finais do séc. XIX e 1940, para classificar os vários povos da África Ocidental que foram escravizados e enviados, sobretudo, para a Bahia, no século XIX, os quais, tinham grande influência do idioma iorubá e proximidade cultural. Também foi uma forma de autovalorização da identidade iorubá através de uma elite religiosa e acadêmica ligada ao idioma iorubá e à Nigéria, diante do processo de descolonização africano. Já a denominação *jêje* não se sabe de onde provém, mas aparece na Bahia no séc. XVIII e engloba vários povos de culto vodun e de idioma ewe-fon.

Desta maneira, os termos *jêje* e *nagô* se popularizaram e foram apropriados pelos africanos e afro-brasileiros criadores dos primeiros terreiros na Bahia. Tais terreiros continham muitas influências tanto dos falantes do iorubá quanto dos falantes do ewe-fon, mistura linguística corrente no antigo reino do Daomé e proximidades, ainda que não fossem os únicos idiomas. Não se sabe exatamente de onde provém o termo *jêje* que só aparece na Bahia no século XVIII, mas passou a compreender todos povos com cultos voduns, sob a liderança do Reino do Daomé. (LOPES, N. 2004, pp.: 373; 344. PARÉS, 2018, pp.: 25-35). Então, os povos advindos das áreas falantes do iorubá e do ewe-fon desenvolveram parte da cultura brasileira, principalmente, originando o candomblé.

Os seguintes entrevistados: Marcos Antônio Lopes de Carvalho, sacerdote ou mejitô do Hùnkpámè Hùndangbènă, de origem jêje-mahi, de culto vodun; Alexandre Carvalho dos Santos, sacerdote ou babalorixá do Axé Ilê Ayiê Ojú Odé Igbô, de origem ketu, de culto orixá, o participante Luís Claudio Giorno do Ilê Odô Obá Obitokô e Sebastião Francisco dos Santos, babalorixá e iniciado em Ifá, do Ilê Axé Osum Jokô Omi, ambos axés ligados a família Bamboxê de Oyó, de culto orixá, dão voz às religiosidades afro-brasileiras que sofrem até hoje todo tipo de violência, advinda do preconceito e da intolerância que foram construídos historicamente. Eles também são chamados conforme sua ligação a uma divindade do candomblé, como: Marcos de Béssem, Xandi de Oxumaré, Luís de Obaluaê e Júnior de Omulú. Para o vídeo em questão apenas Marcos de Carvalho e Alexandre dos Santos foram filmados. Os outros entrevistados estão mais inseridos na monografia para o programa de mestrado mencionado, ProfHistória, para complementarem o conhecimento acerca do tema proposto.

Os entrevistados algumas vezes usaram os termos: “tradição” e/ou “tradicionalista” que me parece uma visão do que eles e, provavelmente, suas comunidades candomblecistas, entendem como as práticas, os rituais e os fundamentos ideais para representar os antigos terreiros ketu, jêjes e bamboxê, o que é antigo e valorizado e ainda uma forma de manutenção da cultura afro-brasileira. Porém, eles deixam claro que a despeito de possuírem certo entendimento do que é apropriado para a manutenção da dita “tradição”, cada ilê segue do jeito que bem lhe aprouver para seu melhor funcionamento, não há uma regra institucional candomblecista, pois, suas características carregam vivências de antigos povos africanos (alimentação, moral, vestimentas, histórias) e não apenas aspectos litúrgicos.

O desenvolvimento colonial do poder também faz parte da crítica deste trabalho, pois esse conceito abarca o controle não só político-econômico, mas ainda um controle da subjetividade dos povos colonizados, o modo de pensar, os saberes, a religiosidade e a estética. Desta forma, é preciso pensar como povos como os africanos e indígenas são considerados ainda hoje como irrelevantes, primitivos, supersticiosos, incivilizados, endemoniados, em contraste com o que foi entendido como pensamento, cultura e conhecimento europeus, em uma lógica que se perpetua na nossa sociedade. Essa visão, que se mantém, separa o sujeito da natureza, o terreno do espiritual, a razão da emoção e prioriza os primeiros conceitos dentro da racionalidade europeia, enquanto as outras conceitualizações passaram a ser associadas aos povos ditos incivilizados. (MIGNOLO, 2017, pp.: 4-6; QUIJANO, 2005, p.: 5; WALSH, 2019, pp.: 13-16).

Neste sentido, esse tipo de viés pedagógico denuncia o etnocentrismo dentro da educação, quando pouco se fala da cultura de grupos, como os afro-brasileiros e africanos. Assim é vislumbrado um currículo escolar e livros didáticos que consigam adentrar neste tema: Moralidade candomblecista (modo de ver o mundo e a religiosidade), para demonstrar saberes de povos não-europeus que se interligam com a cultura colonial e ao mesmo tempo, não se submetam simplesmente a esta. Da mesma forma, refletir sobre o tipo de educação que se promove na Contemporaneidade e a necessidade de subvertê-la para algo mais intercultural, ou seja, que abarque na mesma importância religiosidades e culturas de origem europeia, africana, indígena e outras.

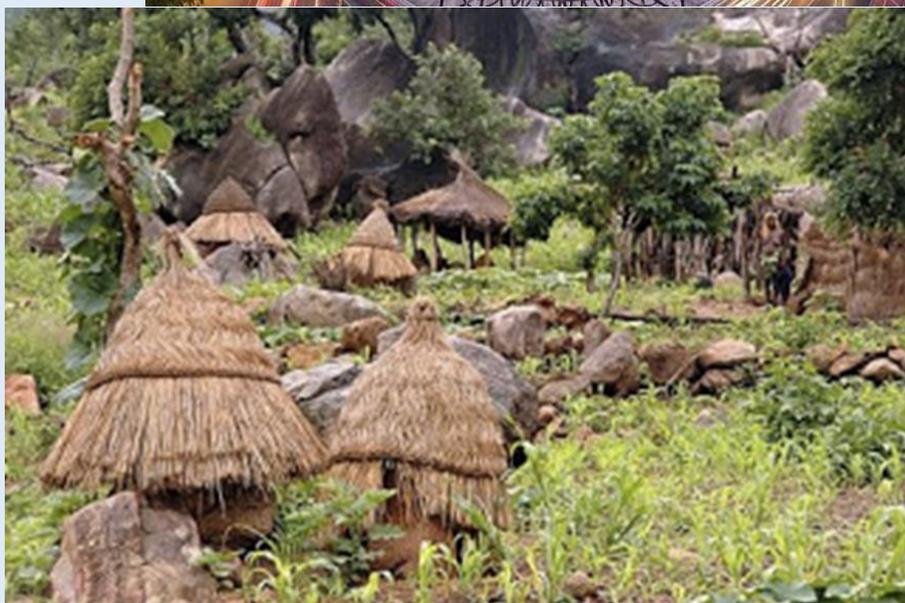
### **África nos seus primórdios**

A África é um continente com atuais 54 países, possuindo grandes diferenças de idiomas, religiões, clima, vegetação, desenvolvimento econômico, pessoas e culturas, em geral. Nesse sentido, possui grandes semelhanças com o Brasil, seja no clima, vegetação, economia e cultura, já que devido a escravização e o contínuo contato entre Brasil e países africanos, obteve-se trocas em nossas visões de mundo.

O moderno e o antigo interagem, muitas vezes de forma conflitante, mostrando novos sentidos e adaptações que vão sendo construídos a partir desses embates. Podemos comparar com o Brasil que possui disparidades entre as vivências na floresta Amazônica, no campo, no meio urbano, além das diferenças sócio-econômicas.

**Lagos – cidade nigeriana**

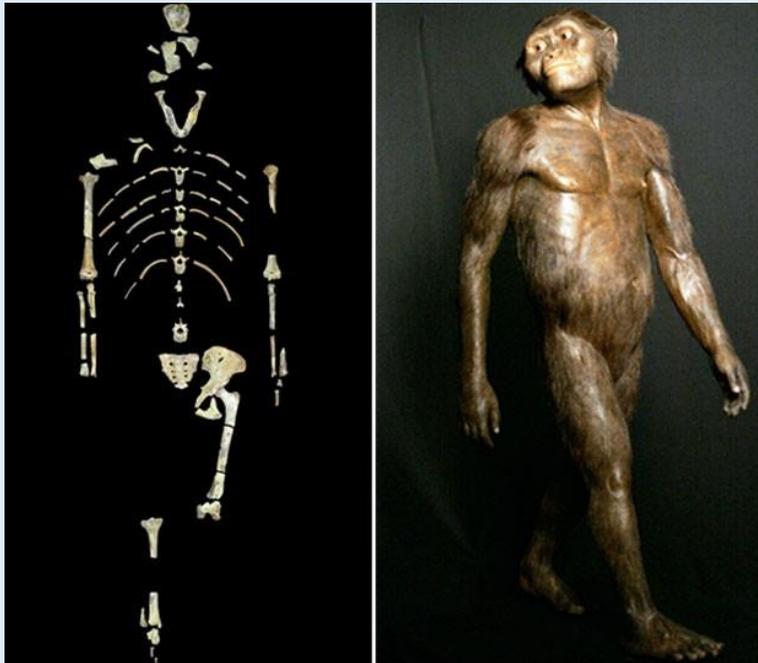
Casas da aldeia Yikpabongo, no nordeste de Gana - feitas de barro, adobe e cobertas com um telhado cônico de palha



Fonte: <<https://catracalivre.com.br/carreira/cinco-oportunidades-de-emprego-para-brasileiros-na-nigeria/>>; <<https://www.istockphoto.com/pt/foto/tradicionais-casas-de-aldeia-yikpabongo-gm172421767-4827964>>. Acesso em: 10/9/22.

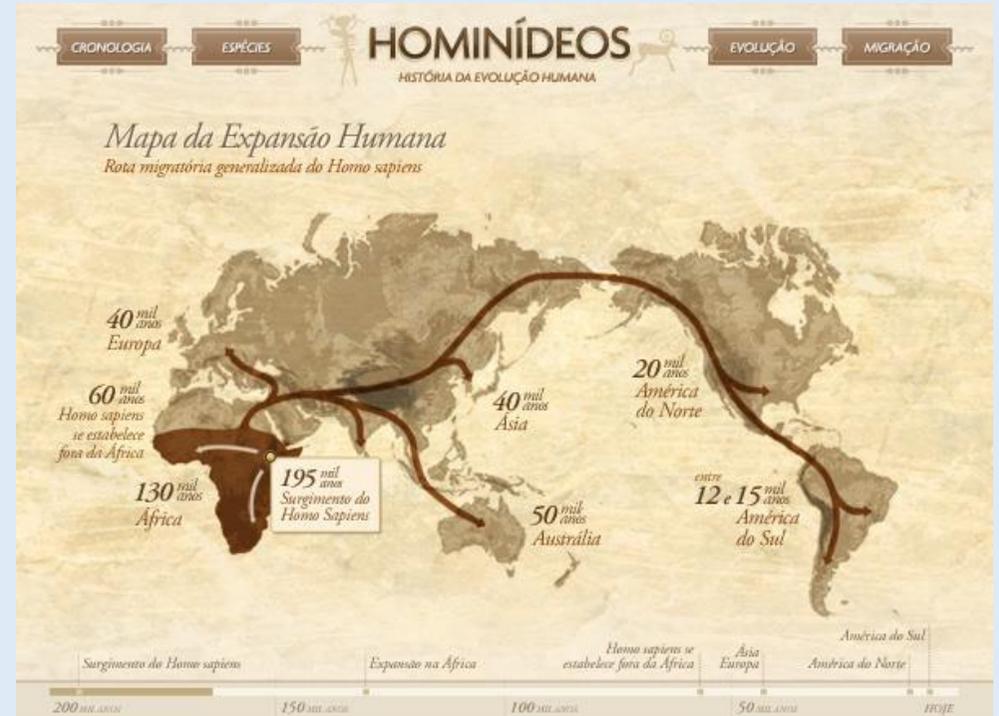
## Origem e migração populacional

Os mais importantes resquícios de antigos seres humanos foram encontrados na África, o *Australopithecus Afarensis* foi a linhagem que provavelmente deu origem ao gênero Homo e sobreviveu por 1 milhão de anos, adaptando-se a diferentes condições ambientais. Ao longo do tempo, outras espécies e suas linhagens foram surgindo e migrando para outros continentes.



Montagem de fotos mostra o esqueleto de Lucy e um modelo tridimensional do *Australopithecus afarensis* (Foto: University of Texas at Austin via AP/AP Photo/Pat Sullivan). Fonte: < <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/08/lucy-famosa-australopithecus-provavelmente-morreu-em-queda.html>>

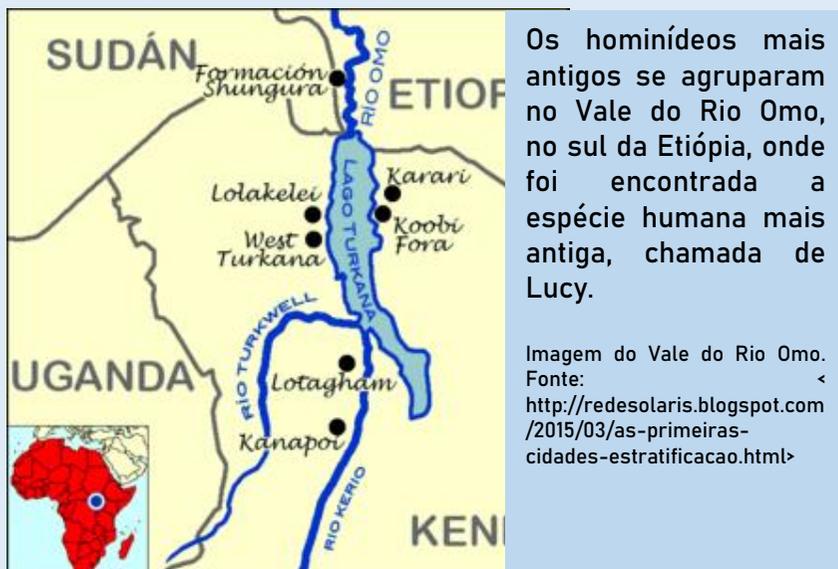
O fóssil mais antigo encontrado até agora, viveu há 3,2 milhões de anos e faz parte da espécie, o *Australopithecus afarensis*, chamado de Lucy pelos cientistas e encontrado na Etiópia em 1974.



Fonte: < <https://www.behance.net/gallery/8561299/HUMAN-EVOLUTION>>

## Primeiros povoamentos

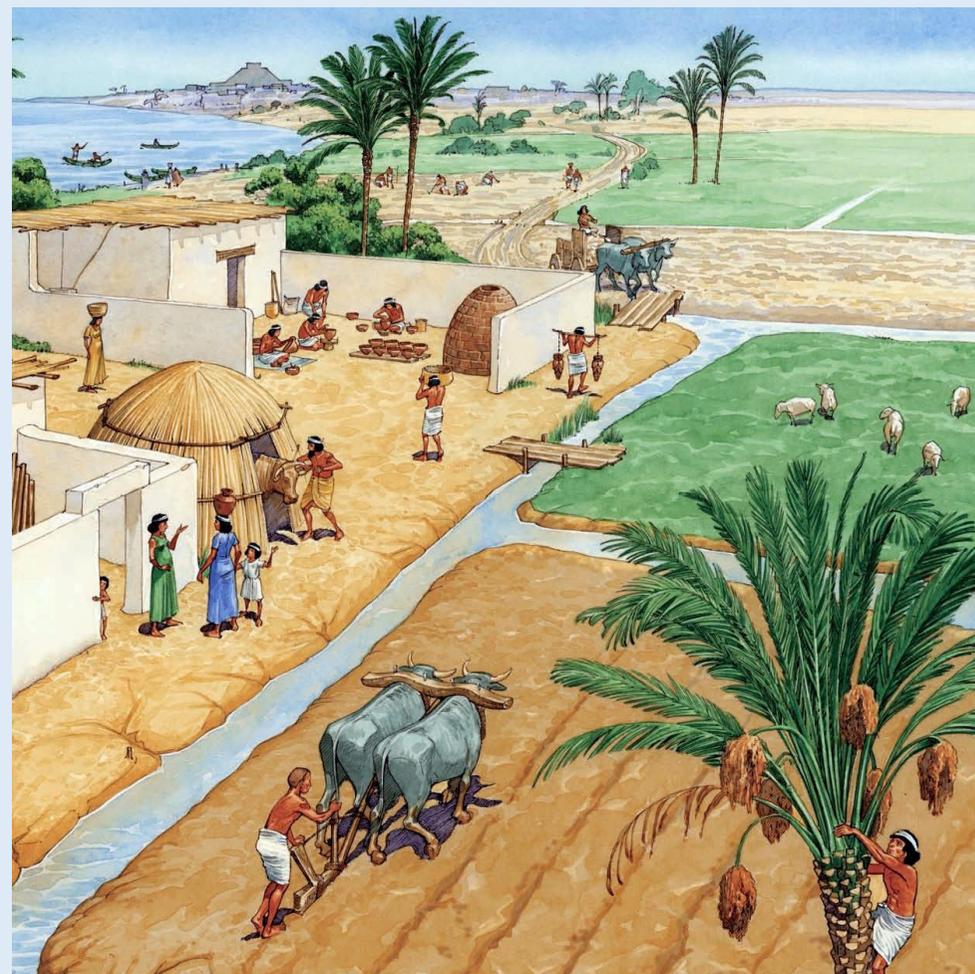
As primeiras populações aos poucos também procuravam formar povoamentos, principalmente, em torno dos rios para usar a água nas plantações, criação de animais e para o consumo humano.



Os homínídeos mais antigos se agruparam no Vale do Rio Omo, no sul da Etiópia, onde foi encontrada a espécie humana mais antiga, chamada de Lucy.

Imagem do Vale do Rio Omo.  
Fonte: <  
<http://redesolaris.blogspot.com/2015/03/as-primeiras-cidades-estratificacao.html>>

Com as migrações e formação de aldeamentos por todo o mundo, surgem sistemas de irrigação e modos de aproveitamento das margens férteis dos rios. Aos poucos, as aldeias cresceram ou se uniram a outras, formando cidades em torno de rios, como: Rio Nilo (África), Rios Tigre e Eufrates (Oriente Médio - Ásia), Rios Hoang-Ho [R. Amarelo] e Yang Tse-Kiang [R. Azul] na China - Ásia e Rio Indo (Índia - Ásia).



Fonte: <  
<http://redesolaris.blogspot.com/2015/03/as-primeiras-cidades-estratificacao.html>>

## Vegetação e Clima:

O continente africano possui uma grande diversidade de clima e vegetação, influenciando em suas populações que dependem desses sistemas. Do mesmo modo, podemos comparar com o território brasileiro e seus variados biomas, como a Floresta Amazônica (Norte), a caatinga (Nordeste), o pantanal (Noroeste), o cerrado (Centro-Oeste) e o Sul do Brasil que possuem similaridades com o continente africano.

### Biomias africanos:

Floresta equatorial – solo muito pobre, grandes árvores, muita sombra, calor e umidade. Diferentes animais e plantas.  
Floresta tropical úmida – úmidas, com árvores altas, clima quente e muita chuva.

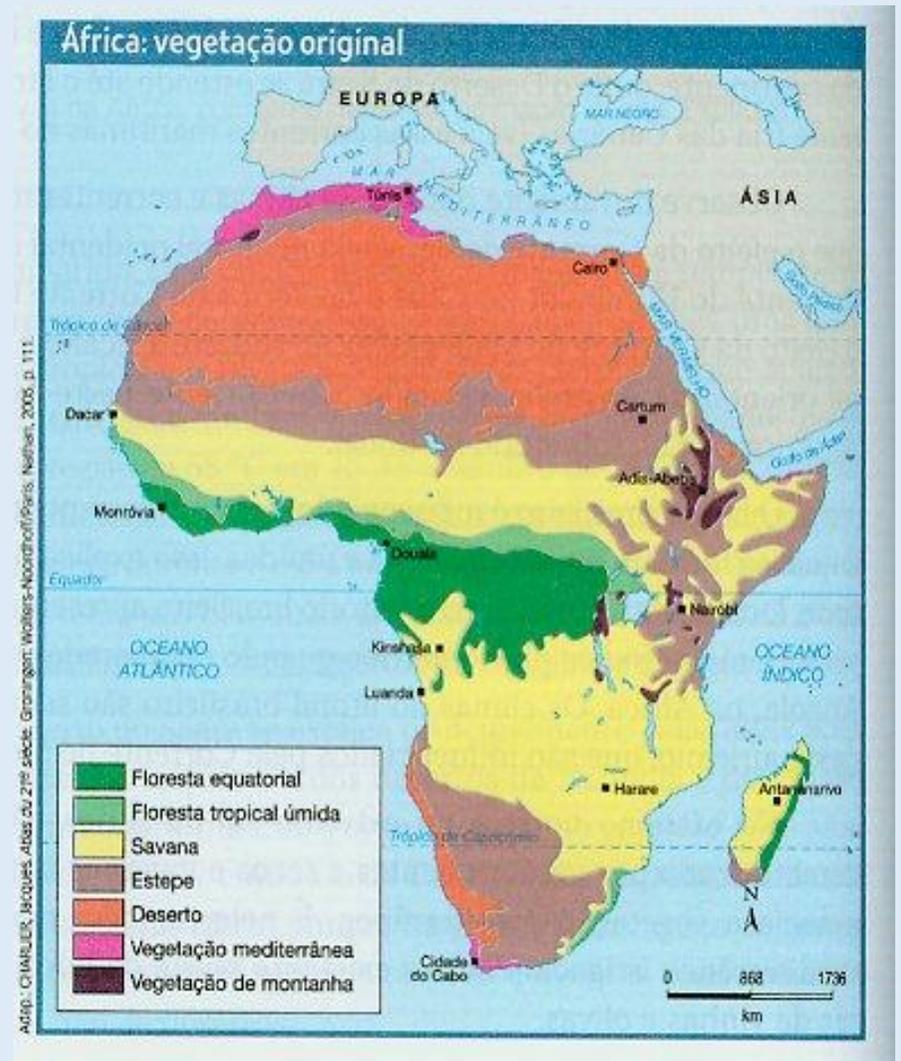
Savana – região plana cuja vegetação predominante é grama, com poucas árvores e arbustos, solo fértil, poucas chuvas e tem duas estações – uma quente e seca e outra chuvosa.

Estepe – zona de transição vegetativa e climática entre a área de savana e o deserto, com temperaturas elevadas e chuvas escassas. A plantação é difícil.

Deserto – solo de areia, pouquíssima chuva e vegetação.

Vegetação mediterrânea – verões quentes e secos e invernos amenos e chuvosos possuindo muitas árvores e animais de clima mais ameno, como coelhos, veados e pássaros.

Vegetação de montanha – a temperatura é mais fria conforme aumenta a altitude.

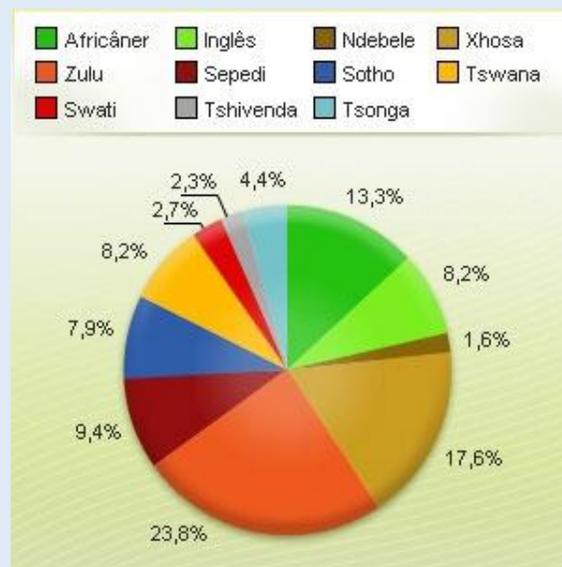


Fonte: <[https://www.canaleducao.tv/images/slides/41103\\_d353a629ca94e6a93a06227d578fcb1.pdf](https://www.canaleducao.tv/images/slides/41103_d353a629ca94e6a93a06227d578fcb1.pdf)>

## Principais idiomas

Devido o contato com povos de diferentes regiões do mundo e a colonização europeia, o continente africano possui diversos idiomas.

### Idiomas mais falados no continente:



Fontes:

<<http://olaturismo.blogspot.com/2010/06/11-linguas-como-se-entendem.html>>; <<https://www.todamateria.com.br/aspectos-gerais-da-africa/>>.

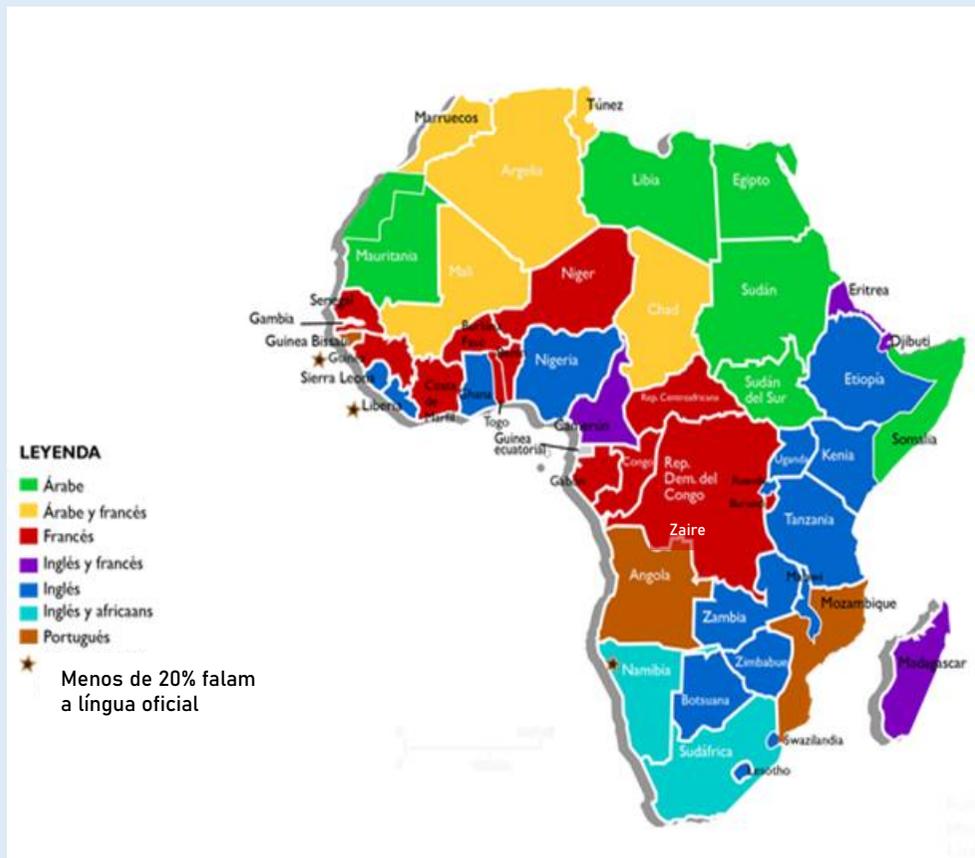
<<https://portal.megabrasil.com.br/jcc/noticias/ler/2502/o-abc-de-palavras-africanas-faladas-no-brasil>> .  
Acesso em: 10/9/22.

Atualmente esses idiomas de origem africano são bastante utilizados nos terreiros de candomblé pelos grupos: jêje que usa a língua ewe-fon, o grupo Ketu que utiliza o iorubá e o candomblé de angola que usa o quimbundo, quicongo e umbundo como seus idiomas principais.

Porém, há uma mistura de idiomas em todos esses tipos de ritos, predominando em cada um deles as línguas acima, juntamente com o português.

Abaixo estão os idiomas oficiais, relacionados, principalmente, com a colonização europeia. São línguas usadas nas relações internacionais, educação superior e relações comerciais estrangeiras:

Após a vinda de africanos para o Brasil, sobretudo, como escravizados, as línguas africanas também passaram a fazer parte da formação do nosso idioma, como o ewe-fon e o iorubá (comuns em Gana, Togo, Benin e Nigéria), o quimbundo, o quicongo, o umbundo (dos atuais Angola, Rep. Do Congo e Zaire), dentre outras, juntamente com o português (Portugal) e as variadas línguas indígenas. Ex.: cachaça, cafuné, moleque (quimbundo); fungar, inhame, sambar (quicongo); vatapá, acarajé, orixá (iorubá); umbanda (umbundo), abadá, zumbi, Togo, vodun (ewe-fon), etc.



## O conhecimento através da oralidade

Todas as etnias africanas, ainda que possuíssem escrita, tinham aqueles com a função de contar sobre o passado, lembrar sobre a história de um povo, os mitos, as regras sociais e a cosmologia, como os *griots*<sup>1</sup>, ainda existentes.

<sup>1</sup> Griot vem da palavra *guiriot*, em francês e da palavra *criado*, em português, hoje genericamente chamados de *griots* ou *griottes*. Utilizando instrumentos musicais como o Agogô e o Akoting (semelhante ao banjo), eles(as) estavam presentes em

---

inúmeros povos, da África do Sul à Subsaariana, transitando entre os territórios para firmar tratados comerciais por meio da fala e também ensinando às crianças de seu povo o uso de plantas medicinais, os cantos e danças tradicionais e as histórias ancestrais. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-griots-contadores-de-historias-da-africa-antiga.phtml>>. Acesso em: 10/9/22.

Na maior parte da África, as figuras e a palavra falada e cantada tinham muita importância, assim eram passadas as leis, as regras sociais, homenagens aos ancestrais, poemas de caça e de heróis, os mitos, as histórias das famílias, de um local, dos reis/rainhas e da cosmologia. As imagens e palavras para eles teriam o poder de tornar o que se diz e as imagens em algo real. Por isso, um grande erro é a mentira e uma grande virtude é a sabedoria.

Daí muitas tradições religiosas ou regras de origem africana também não se baseiam em livros, pois se referem às histórias orais e não escritas, sobretudo, contadas dos pais para os filhos, do mais velho para o mais novo. A palavra é sagrada, benção dos deuses.

Por isso, a importância de conjugar os princípios morais e éticos africanos para compreender melhor a história e cultura afro-brasileira. Esses princípios abarcam, principalmente, os modos como a comunicação não escrita se dá, através das canções, provérbios, versos, mitos, histórias ancestrais que explicam o modo de viver de povo e pensamentos.

Apesar de semelhanças entre muitos povos africanos, a ênfase dada aqui é a respeito da moralidade iorubá, a qual, teve e tem grande influência nos terreiros de candomblé e umbanda brasileiros.



Griot da região de Burkina Faso.

Fonte: <  
<https://clonainternet.wordpress.com/2013/06/19/grios-os-contadores-de-historias-na-africa/>>. Acesso em: 10/9/22.

### Formas de conhecer: imagens

Marcas no corpo relacionados ao clã, etnia ou região podem se interligar com as músicas de saudação ao clã. Marcas feitas na pele com navalha, são parte da cultura de algumas tribos africanas como os Bodi, Mursi e Surma, da Etiópia, os Karamojong, em Uganda, e os Nuer, no Sudão do Sul, entre outros. Esse costume foi resignificado nos terreiros de candomblé, fazendo parte muitas vezes das iniciações litúrgicas.



Fonte: < <https://www.hypeness.com.br/2014/03/as-impressionantes-marcas-e-cicatrizes-que-tribos-africanas-fazem-na-pele/>>

As Feiras, muito comuns ainda hoje, serviam além da venda/troca de produtos para a troca de informações entre diferentes pessoas e a apresentação dos filhos. As feiras e barracas são muito comuns no Brasil também. (Abaixo feira em Moçambique)



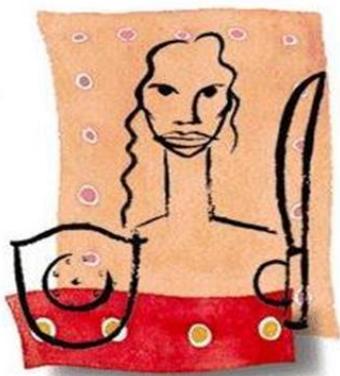
Fonte: < <https://www.thiagomesquita.com.br/portfolio/expedicoes/27851-missao-africa-ong-mocambique>>

### Formas de conhecer: versos e escrita

Os Oriki – oração ou versos, em geral cantadas, dentro da região iorubá (Nigéria, Togo, Gana e Benin) ainda hoje são proferidos dentro dos

terreiros de candomblé. Antes, eram usados também como forma de saudar pessoas de regiões distintas.

## Orikí de Oya



Oyà A To Iwo Eron Gbé  
Oyà Olókò Àra  
Obìnrin Ogun  
Obìnrin Ode  
Oya Òrìí Arójú Bá Oko KÚ.  
Iru Èniyàn Wo Ni Oyà Yí N Se, Se  
Ibi Oya Wà, Ló Gbiná  
Obìnrin Wóò Bì Èní Fò Igbá  
Oyà tí awon òtá ní  
Tí Won Torí Rè Da Igbá Nù sí Igbó  
Héèpà Héè, Oya ò!  
Èù Re Nikan Ni Mo Nbà O  
Atéfé Ikú  
Obìnrin Ogun, Ti Ná Ibon Rè Ní À Kí Kún  
Oyà ò, Oyà Tótó Hun!  
Oyà, A P'Agbá, P'Àwo Mò Ni Kíákíá,  
Kíákíá, Wéré Wéré L' Oyà Nse Ti È  
A Rìn Dengbere Bii Fúlání  
O Titi Tí Ní Gbogbo Ará Rìn Bì Esin  
Héèpà, Oya Olómo Mesan, Ibá Re Ò!

## Tradução

Ela é grande o bastante para carregar o chifre do búfalo  
Oyà, que possui um marido poderoso  
Mulher guerreira  
Mulher caçadora  
Oyà, a charmosa, que dispõe de coragem para morrer com seu marido.  
Que tipo de pessoa é Oyà?  
O local onde Oyà está, pega fogo  
Mulher que se quebra ao meio como se fosse uma cabaça  
Oyà foi vista por seus inimigos  
E eles, assustados, fugiram atirando as bagagens no mato  
Eeepa He! Oh, Oyà!  
És a única pessoa que temo  
Vendaval da Morte  
A mulher guerreira que carrega sua arma de fogo  
Oh, Oyà, à Oyà respeito e submissão!  
Ela arruma suas coisas sem demora  
Rapidamente Oyà faz suas coisas  
Ela vagueia com elegância, como se fosse uma nômade fulani  
Quando anda, sua vitalidade é como a do cavalo que trota  
Eeepa Oya, que tem nove filhos, eu te saúdo!

© Manuela Oliveira

Os versos contidos nos 16 poemas de Ifá (oráculo de Orumilá – divindade profética), amplamente utilizados no m̀erindílógún do candomblé (jogo de búzios adaptado da Nigéria), também são maneiras que exemplificam princípios morais, aliados à mitologia dos orixás.

Ainda hoje, aquele que consulta o jogo deve saber oralmente todos os poemas e suas 256 combinações. Podem ser usados também caroços de dendê e um rosário. (OLIVEIRA, M., 2008). Eis um exemplo:

## Oráculo 3 – Iwori meji

(...) Ògúnribiti consultou para Iworimeji quando Iworimeji estava para se casar com a filha de Ope Olofin. Foi pedido a ele que fizesse um sacrifício. Sua esposa jamais seria estéril. Uma galinha foi o sacrifício.

Foi dito que ambas as palmeiras macho e fêmea jamais seriam estéreis. Porque Iworimeji realizou o sacrifício necessário, as pessoas nascidas por este Odù jamais seriam inférteis ou estéreis. Elas seriam sempre abençoadas com filhos. (EPEGA, A.; NEIMARK, P., 2022).

Esse verso demonstra a importância da prole, como fonte de força e vida, e a necessidade das oferendas que são consideradas o elo energético (axé) que equilibra as forças do universo. Isto é, as oferendas vistas como fontes de energia ajudam a manter forças positivas entre os humanos, os ancestrais, as divindades e o mundo.



O jogo proferido por um estudioso dos mitos dos orixás e dos poemas de Ifá (babalaô), também pode ser jogado por babalorixás e iyalorixá (sacerdotes). Antes de começar o jogo existem várias orações para saudar os orixás, podendo jogar com 4, 16 ou 21 búzios. A posição que os búzios caem representa um dos versos de Ifá.

Fonte: < <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/a-real-funcao-do-jogo-de-buzios-24976106.html>>. Acesso em: 10/9/22.

Babalorixá (em iorubá: bàbàlorìsá, Bàbá = pai, lo = de, Òrìsà= orixá/divindade) ou pai-de-santo para sacerdote e iyalorixá (em iorubá: iyàlorìsá, iyá = mãe, orìsa = orixá/divindade) ou mãe-de-santo para sacerdotisa, aqueles que possuem conhecimento sobre os orixás, pai e mãe dos segredos litúrgicos de suas casas de candomblé. Já o termo “santo” remete ao sincretismo entre os santos católicos e as divindades. Babalaô (em iorubá: bàbáláwo = pai do segredo) tem conhecimentos sobre Ifá. O Ifá seria a manifestação material da divindade Orumilá (divindade criadora, íntima do oráculo e também divindade do destino), medido através do oráculo composto por 256 figuras denominadas Odus/ odù e



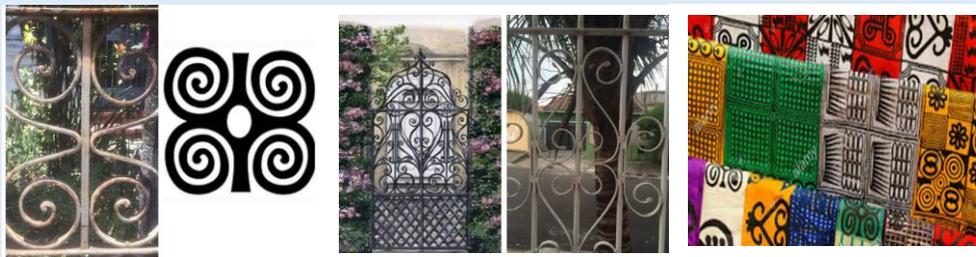
nos últimos períodos, pois era uma forma mais simples e mais popular da escrita hierática.

O meroítico não é uma língua hamito-semítica ("afro-asiática"); é uma língua aglutinante e sem gênero. Foi sugerido que ela está relacionada às línguas do Sudão Oriental. Os meroítas registraram sua história em pedra, em papiros e nas paredes dos templos. Aos poucos, os hieróglifos egípcios restringiram-se ao tribunal e templos. A partir do século II a.C., desenvolveram um sistema de escrita alfabética, com 23 sinais representando consoantes, vogais e silábicas. (AGUIAR, L.; DOMINGUES, J., 2014).

### Símbolos adinkras:

Os símbolos Adinkras fazem parte da cultura Ashanti e são representados em formas geométricas estilizadas. Eles transmitem os valores do povo akan, de Gana e da Costa do Marfim, os quais incluem aspectos da vida vegetal, do corpo humano, elementos geométricos e abstratos, e, até, aspectos astronômicos.

Os adinkras eram encontrados nas roupas, onde costumavam ser estampados de forma manual. No início, essas roupas eram usadas apenas nos funerais. Isso porque o nome Adinkra significa "dizer adeus". No Brasil, são encontrados em tecidos e principalmente na arquitetura, oriunda da herança de escravizados nas construções.



 <p><b>Gye Nyame</b> Simboliza onipotência e a imortalidade de Deus.</p>	 <p><b>Akoben</b> Representa a vigilância e a precaução.</p>	 <p><b>Akoma Ntoaso</b> Simboliza tolerância, paciência e união.</p>
 <p><b>Aya</b> Representa resistência e desenvoltura.</p>	 <p><b>Ananse Ntontan</b> Simboliza criatividade e a sabedoria.</p>	 <p><b>Bese Saka</b> Simboliza poder, riqueza, abundância e união.</p>
 <p><b>Nsoromma</b> Representa tutela e amparo divino.</p>	 <p><b>Mate Masie</b> Simboliza sabedoria, conhecimento e prudência.</p>	 <p><b>Nyansapo</b> Simboliza inteligência, ingenuidade e paciência.</p>
 <p><b>Osrar ne nsoromma</b> Representa amor, fidelidade e harmonia.</p>	 <p><b>Sankofa</b> Simboliza voltar para adquirir conhecimento do passado e sabedoria.</p>	 <p><b>Wawa Aba</b> Simboliza resistência, vigor e perseverança.</p>

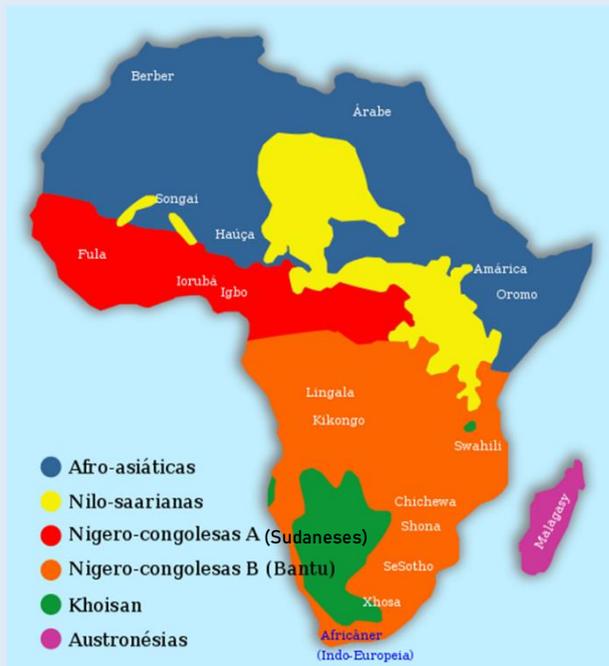
(Fonte: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-adinkra/>>. Acesso em: 10/7/22.)

Ao longo do tempo, os símbolos passaram não só a ser usados em outras ocasiões, como podem ser encontrados em estampas de cerâmicas, tecidos, bancos, guarda-chuvas, prédios, casas, tatuagens, etc.

## Divisão linguística

É comum ainda hoje o uso de uma grande divisão linguística para delimitar grupos étnicos do continente africano. Isto é, extensas regiões do continente com similaridades culturais, as quais, possuem traços linguísticos em comum. Assim, essas grandes divisões, como bantus e sudaneses (mais comuns) tendem a aparecer em alguns livros para explicar confluências entre diferentes etnias, como povos dos antigos reinos Congo, Matamba e Ndongo (atuais Angola, Congo e Zaire), com idiomas quicongo, umbundo e quimbundo, as quais possuem traços próximos. Da mesma maneira ocorre entre as etnias de influência iorubá e a área Gbe (atuais: Gana, Togo, Benin e Nigéria). Essas confluências não só linguísticas serão também revisitadas com a diáspora africana, permitindo maior adaptação das várias populações africanas que vieram para o Brasil e que influenciaram nossa cultura<sup>2</sup>.

Os africanos escravizados foram separados por nações etnolinguísticas com culturas distintas, mas mantiveram similaridades básicas entre eles, como conceitos religiosos, filosóficos, princípios estéticos, contagem histórica do parentesco, herança artística, dentre outros. (Thornton, 2004, p.: 256-257). Contatos comerciais, por guerras ou casamentos entre clãs ainda no continente africano interligavam essas diferentes populações.



### Grandes grupos linguísticos africanos.

Fonte: <<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/15356-a-influ%C3%A2ncia-de-l%C3%ADnguas-africanas-no-portugu%C3%AAs-falado-no-brasil>>

É necessário lembrar que migrações, guerras internas, escravidão e a Partilha da África causaram conflitos e até o apagamento de muitos grupos étnicos. Porém, mesmo hoje, há grande diversidade de etnias no continente, contendo 835 regiões étnicas, provavelmente caracterizando em grande parte grupos linguísticos distintos dentro às vezes de um mesmo país.



Catálogo *Arte da África* - obras primas do museu etnológico de Berlim. Fonte: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-05072007-102226/publico/02CADERNOIDEIMAGENSREV.pdf>>

<sup>2</sup> THORNTON, 2004, pp.:260-262; SWEET, 2007, p.:17; HALL, 2005, pp.: 131-133.

Cidades-estados e reinos africanos foram sendo modificados e mesmo destruídos com as invasões europeias, escravidão e guerras internas, principalmente, a partir do séc. XVIII, quando a intensidade do comércio internacional de escravizados aumentou. (SWEET, 2007; HALL, 2005).

Após o século XIX, com a invasão mais intensa de europeus na África, o continente foi dividido entre as potências europeias. Os países africanos, em sua maioria, só conseguiram se tornar independentes entre as décadas de 1950-1990. (HERNANDEZ, 2008, pp.: 45-90)

Os reinos, cidades e impérios africanos eram ricos de pedras e metais preciosos, tecidos, marfim, noz de cola, plantações, etc., além de muitos possuírem sistema de água, esgoto e asfalto, palácios e grandes construções. No Norte, haviam escolas, hospitais e universidades. (HERNANDEZ, 2008; M'BOKOLO, 2009).

#### Principais reinos e impérios africanos:

- IMPÉRIO EGÍPCIO - 3 100 a.C. – 30 a.C.
- REINO DE KUSH - 2500 a.C. – 350
- ESTADO DE CARTAGO – 814-146 a.C.
- REINO DE AXUM - 100 – 940
- IMPÉRIO DA ETIÓPIA - 1270 – 1974
- CALIFADOS NA ÁFRICA - 632 - 1517
- IMPÉRIO DE GANA - 750 – 1240
- IMPÉRIO DE MALI - 1235 - 1610
- IMPÉRIO DE SONGHAI - 1464 - 1591
- IMPÉRIO DE KANEN-BORNU - do século VIII até 1387
- REINO DE IMERINA - 1540 -1897
- IMPÉRIO WOLOF - 1350-1549
- REINO DO DAOMÉ - 1600 - 1900
- REINO ASHANTI - SÉC. 14 - 1957
- REINOS FALANTES DO IORUBÁ - 1400 - 1880
- CIDADES HAUSSÁS - SÉC. X - 1808
- REINO LUBA - 1420 - 1850
- REINO LUNDA - 1590 - 1887
- REINO DO KONGO - 1390 - 1914
- REINO DO NDONGO/ NGOLA - 1500 - 1657 e MATAMBA 1631 – 1744

- REINO DE RUANDA - SÉC 11 - 1890
- REINO DE BUGANDA - SÉC. 14 - 1967
- IMPÉRIO ZULU - 1740 - 1897
- IMPÉRIO MONOMOTAPA - 1430 - 1759
- REINO ZIMBABWE - 1220-1450
- SOFALA e KILOWA / SULTANATO DE KILWA (cidades-estados suaíli)- séculos X a XVI

Na imagem abaixo há divisões políticas mais antigas de povos que vieram para as Américas como escravizados, entendendo-os, antes mesmo na África, de forma conectada, seja em trocas comerciais, acordos políticos, casamentos ou guerras.



Fonte: [historiaensin.oedufundamental.blogspot.com/2018/08/imperios-e-reinos-africanos-atividade.html](http://historiaensin.oedufundamental.blogspot.com/2018/08/imperios-e-reinos-africanos-atividade.html).  
[www.multirio.rj.gov.br/assista/index.php/481-aula-08-reinos-africanos](http://www.multirio.rj.gov.br/assista/index.php/481-aula-08-reinos-africanos).  
 VANSINA, J. 1962, pp. 324-335.  
 TURCHIN, JONATHAN M. ADAMS & THOMAS D. HALL. 2006, pp.: 219-229.

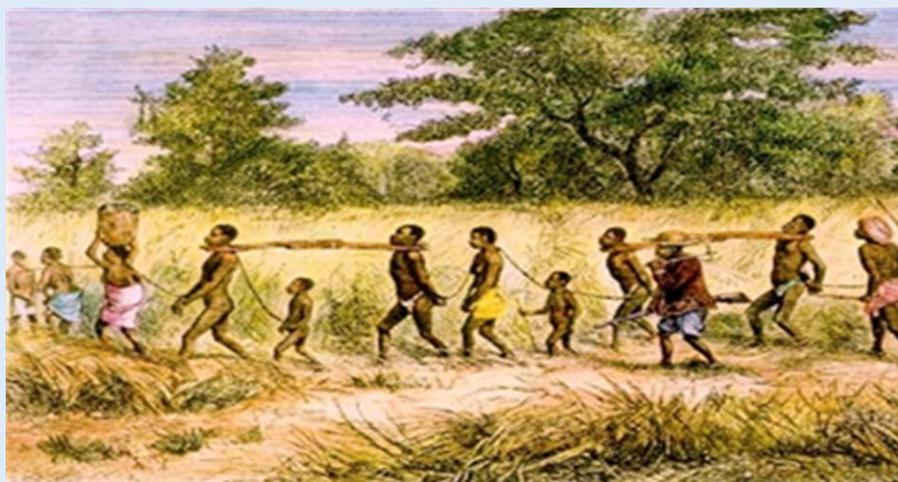
### Escravidão e diáspora africana

Em várias regiões da África a escravidão já existia antes do começo do tráfico Atlântico. Poderia ser escravo quem não conseguia se sustentar, endividado, criminoso ou prisioneiro de guerra. A riqueza era normalmente ditada pela posse de escravos ou gado (eram força de trabalho). Mas, não necessariamente para sempre. Inclusive, na África Central, o cativo fazendo parte de uma linhagem familiar, sobretudo da família real, ele não poderia ser vendido. Sendo imprescindível para a economia de plantio, militar ou administração dos reinos. Os filhos de muitas escravas nasciam livres, fazendo parte do grande potencial de súditos dos monarcas africanos (THORNTON. 2004, pp.:122-186).

A partir do século VIII, com a conversão do norte da África ao Islã, a venda de escravos aumentou. Porém, alguns escravos podiam ter altos cargos nos impérios africanos. Os meninos e os jovens adultos raptados nas guerras poderiam servir na agricultura ou recebiam treinamento militar, dentre outras funções. Muitas vezes, o escravo que se convertia ao islamismo, era solto, tornando-se cliente de seus antigos donos. Já as mulheres e meninas também eram raptadas para servirem aos trabalhos domésticos, lavoura ou aprenderem a dançar, tocar instrumentos e desenvolverem habilidades para viver nos haréns dos sultões, como suas esposas. Havia também os homens castrados, os eunucos (auxiliares das mulheres nos haréns). (M'BOKOLO. 2009, pp.:153-154).

Mas, a partir do séc. XV, se inicia maior demanda de escravos pelo mercado Atlântico, piorando qualquer tipo de instabilidade política e guerras internas em território africano, ocasionando o sequestro de mais cativos. Ademais, é a partir deste período que o conceito de "raça" e a prática do racismo se tornam justificativas e também consequências para esse tráfico humano. (HERNANDEZ, 2008, pp.: 91-94. THORNTON, 2004, pp.:153-185.).

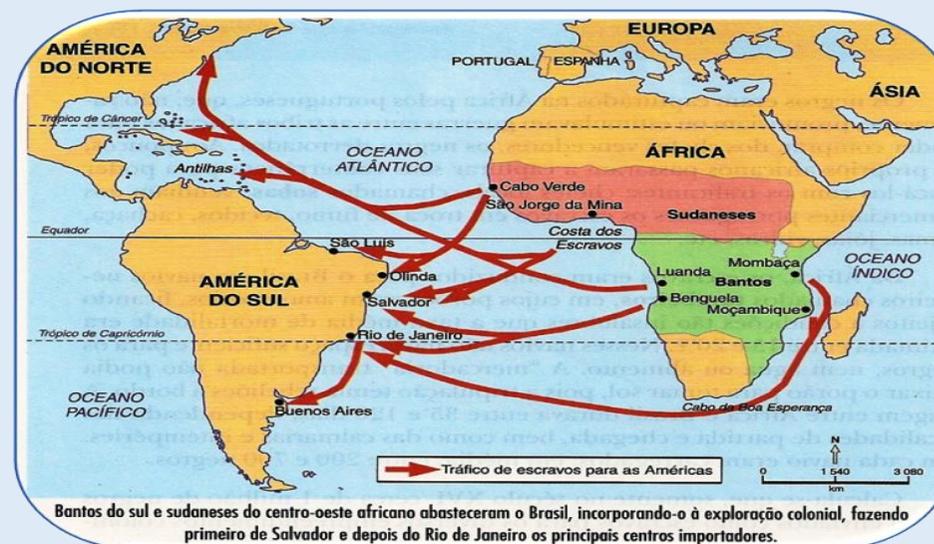
#### Caravana de escravizados a caminho da costa africana



Fonte: < [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_uem\\_hist\\_pdp\\_rosa\\_aparecida\\_pelogia.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uem_hist_pdp_rosa_aparecida_pelogia.pdf)>. Acesso em: 2/5/22.

### Etnias africanas no Brasil

#### Tráfico negreiro para as Américas



Fonte: CARDOSO, Ciro F. S.. "O trabalho na colônia". In LINHARES, Maria Yedda (org.). História geral do Brasil. Rio de Janeiro, Campus, 1990.

só  
escravizados, entre os séculos XV e XIX, do que qualquer outra colônia

européia e esse destino teve um impacto cultural que moldou a sociedade e as instituições sejam elas do período colonial até nossos tempos.

Até o século XVII, 90% dos escravizados eram da África Central Ocidental, atendendo a demanda dos engenhos de açúcar brasileiros. Em fins desse século, devido a uma forte seca, fome e doenças nessa região, os mercadores brasileiros se direcionam para a Costa da Mina na Baixa Guiné.

Com a descoberta de ouro e diamante no Centro-Oeste brasileiro, a partir do século XVIII, aumentou-se a necessidade de escravizados, sendo buscados em diversos portos africanos na Alta e Baixa Guiné, África Central e Oriental, mas predominando os da Baixa Guiné. (SWEET, 2007).

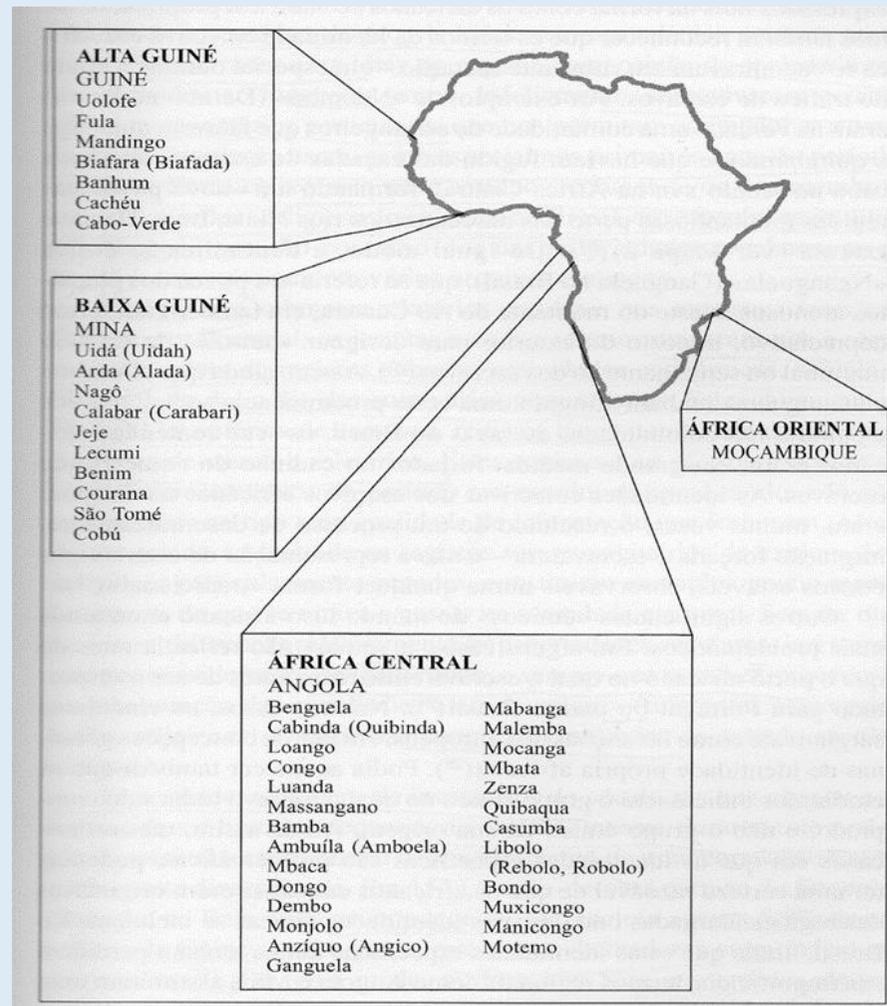
Ao longo da diáspora africana, elementos africanos, europeus e indígenas no Brasil [e nas Américas] culminaram na fusão e diálogo de diferentes tradições, sobretudo religiosas. No Brasil, diferentes povos africanos resignificaram suas etnias, as quais adaptadas à nova realidade do país se transformam e prevalecem, sobretudo, no meio religioso.

Os africanos escravizados foram separados por nações etnolinguísticas com culturas distintas, mas mantiveram, como mencionado, similaridades básicas entre eles, devido o contato feito já no continente africano.

O próprio iorubá era uma língua franca ao longo da costa do Benin, assim como a presença em comum das mesmas divindades e estilo de arte nesse território. Também, na costa da Angola as línguas quicongo, umbundo e quimbundo eram as línguas mais faladas nessa área, tendo muitos vocábulos em comum.

Alta Guiné (atuais: Senegal; Gâmbia; Guiné-Bissau; Mali; Costa do Marfim; Libéria e Serra Leoa), muitos muçulmanos, África Central Ocidental (atuais: Gabão, Congos e Angola) e Baixa Guiné (atuais: Gana; Togo; Benin; Nigéria; Guiné Equatorial e Camarões).

#### Nações e áreas africanas, segundo documentos brasileiros



Fonte: SWEET, 2007, p.: 37.

Logo, os escravizados africanos tinham já fortes ligações culturais antes de embarcarem nos navios, tendo similaridades que irão transparecer também nas Américas. (THORNTON, 2004).

Os casos explicitados, no vídeo em anexo, demonstram como esses grupos se moldaram ao longo do tempo, se dividindo, dentre outras

classificações, em: jêje-mahi, nagô-ketu (podendo estar ligado à família Bamboxê), bantu-angolas, dentre outras, as quais, hoje no Brasil definem nomes de grupos religiosos candomblecistas.

Em geral, “nagô” é usado para candomblés com orixás (ancestrais e forças da natureza sagrados) e de idioma iorubá, tendo subdivisões, como ketu, ijexá, efon e outros, vinculados com construções identitárias que remetem aos locais, povos e famílias de origem africanos, da mesma forma ocorre nos outros candomblés. O “jêje” se refere aos candomblés de idiomas oriundos da área africana *gbé*, tendo o ewe-fon sua língua mais usada, de culto vodun (ancestrais e forças da natureza sagrados) e subdividido em mahi, savalu, mundubi, etc., e os candomblés bantus: “angola”, “congo-angola” ou “cabula” unem idiomas quimbundo, umbundo e quicongo, de culto nkice (forças da natureza divinizadas).

Por isso, é possível perceber o sincretismo nos terreiros mostrados no vídeo, consequência das imbricações culturais ocorridas desde a África, durante a diáspora e na formação dos seus cultos no Brasil.

### Brasil: o caso nagô e jêje

No Brasil, os termos “nagô” e “jêje” se popularizaram e foram apropriados pelos criadores dos terreiros para se remeter aos povos mais ligados aos orixás e ao iorubá (chamados de nagôs) e os povos mais conectados aos voduns e a língua ewe-fon (chamados de jêje). Ambos os termos são comuns da Bahia entre os séculos XVIII e XIX.

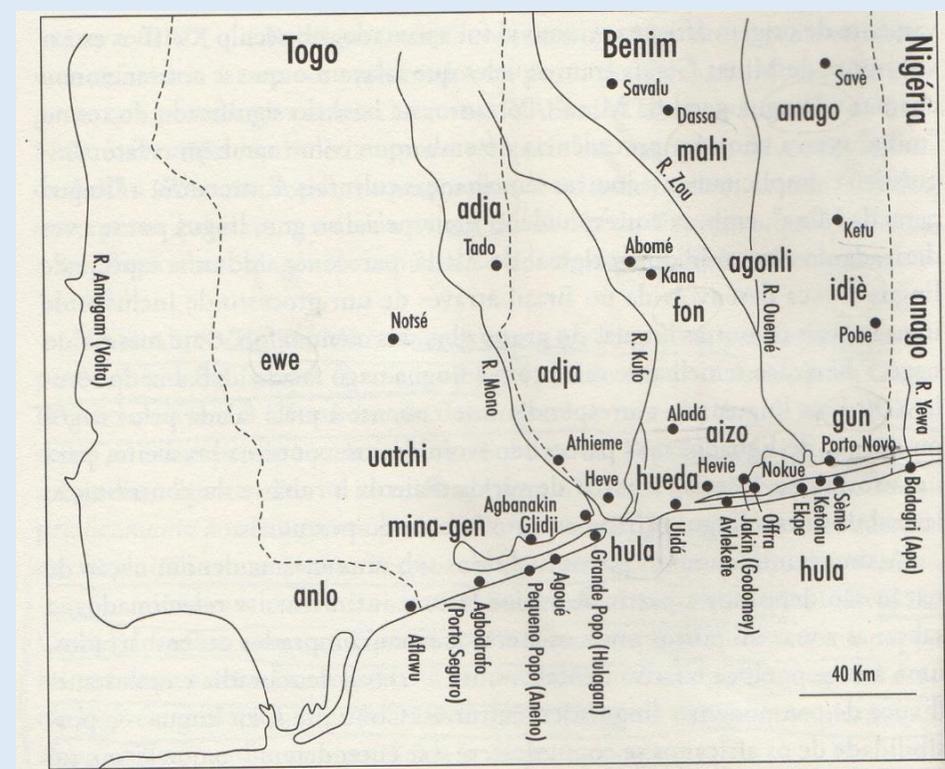
Povos da área dos falantes do conjunto linguístico gbe, como os arda, coda, fon, savalu, mahi, adja-ewe, aizo, hula, gen e outros aparecem em alguns inventários baianos, mas aos poucos a denominação “jêje” parece ter suplantado e englobado todos esses grupos aqui no Brasil por similaridades religiosas, linguísticas e culturais em geral.

Já entre os povos antigos falantes do iorubá encontramos os de Ketu, Oyó, Savè, como os anago, gun, idjè, egbas, dentro outros. Segundo Smith, Merlo e Vidaud (SMITH, 1988; MERLO & VIDAUD, 1984), podemos englobar tais povos em áreas linguísticas com mais ou menos as mesmas

tradições, no quesito religioso, principalmente, e no Brasil todos esses povos serão chamados de “nagôs”.

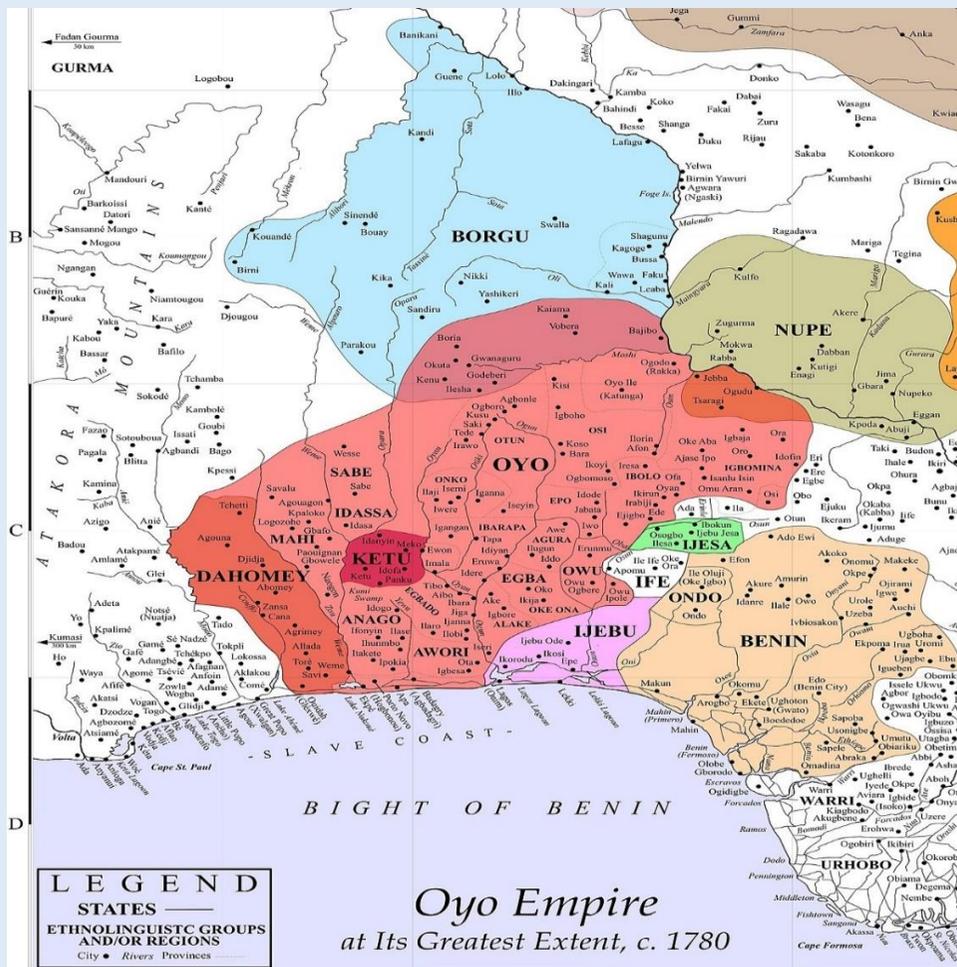
O mais comum eram classificações bem definidas das etnias entre os próprios africanos quando se autodenominavam em suas irmandades e outros agrupamentos. As generalidades metalinguísticas acabaram por serem adaptadas posteriormente sobretudo nos meandros religiosos do candomblé.

Abaixo a imagem mostra a área dos gbe-falantes e principais grupos étnicos (século XVIII-XIX), os quais, serão denominados no Brasil de iorubá/nagô e jêje, se reconstituindo dentro dos terreiros de candomblé, como é explicitado no vídeo.



Fonte: PARÉS, 2018, p.: 30.

## Área de influência iorubá e algumas etnias (século XVIII/XIX)



Fonte: < <https://www.quora.com/What-is-the-history-behind-the-Yoruba-speaking-people-in-Brazil/> >. Acesso em: 30/5/2022.

## África Central Ocidental

A ligação dos centro-africanos com outras etnias e sua importância na formação da cultura afro-brasileira é indispensável.

Esta região habitada por ovimbundus, lundas, mbundu, imbangalas, umbundos, shokwes e outros<sup>3</sup> compreendia importantes reinos, como: Reino do Kongo, Reino Matamba, Reino Ndongo/Ngola, Reino Kasanje e Reinos Luba e Lunda, formados na Era Moderna. Aliás, essa região foi a primeira no continente a ter contato com os portugueses no século XV, se tornando inicialmente a maior área comercial de produtos e escravos para a Europa e ponto de expansão do cristianismo no continente. Não à toa que a influência cultural, sobretudo dos idiomas, quimbundo, ovimbundo, kikongo e umbundo permeiam nosso idioma brasileiro. (CASTRO, Y. 2000).

Ademais, os atuais candomblés de Angola e os antigos Batuques<sup>4</sup> possuem um forte teor das antigas religiosidades da África Central Ocidental, incluindo os idiomas, rituais e o culto aos inkices/inkita (divindades) e ancestrais ainda que ao longo da Colonização esses ritos tenham sido adaptados às condições nas Américas.

No passado colonial, Batuques se referiam às “casas de batuque”, organizações religiosas com altares e já um início de centralização religiosa-ritual em um espaço mais restrito, vistos em parte como festas e danças comuns com batucadas e por vezes fazendo parte de uma ritualística religiosa. Essas organizações passam a se unir de forma mais regular e assentada rituais e ideias que antes estavam mais restritos a esporádicos e fragmentados curadores-advinhos do Calundu (ainda que também já formassem sociedades com cultos de calundus). (PARÉS, 2018, pp.: 101- 123; COSTA, R., 2016, pp.: 41-58).

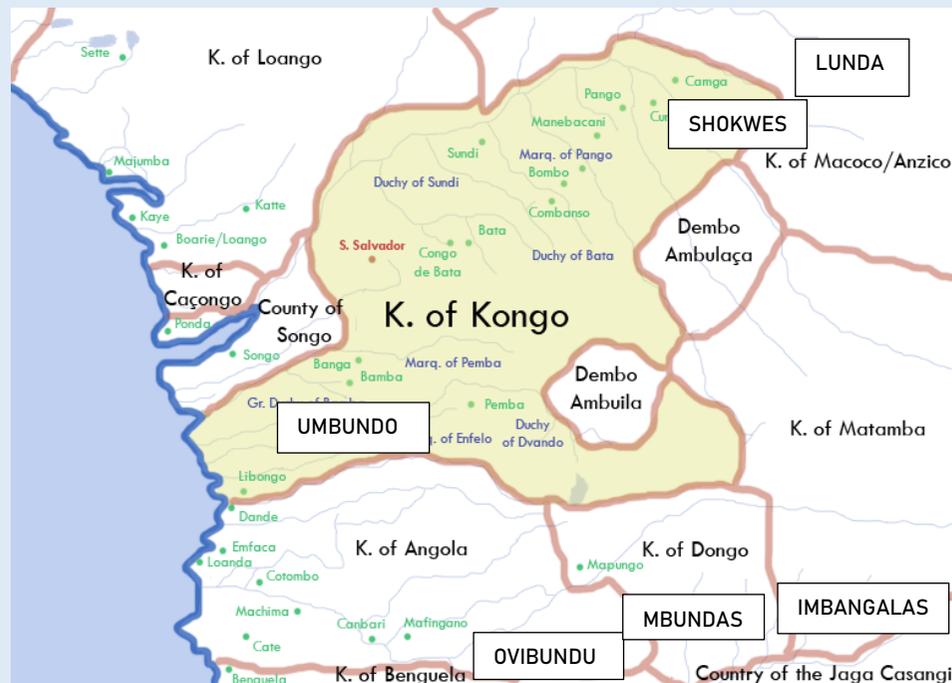
O Candomblé de Angola possui algumas similaridades com os outros, com cerimônias religiosas periódicas, diversas divindades, inclusive absorvidas de outros cultos, associadas às forças da natureza, ancestrais divinizados ou com o exercício de atividades. Porém, a forma

<sup>3</sup> Nomes das etnias foram classificadas conforme os idiomas falados, os portos de embarque de escravos ou o nome dos reinos. (PARÉS, 2018).

<sup>4</sup> O Batuque também pode ser uma forma genérica hoje de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontradas, principalmente, no estado do Rio Grande do Sul, de onde se estendeu para os países vizinhos, como Uruguai e Argentina no início do século XIX. (CORDEIRO, T., 2018).

como ocorrem os rituais e idioma usado são os grandes pontos diferenciais em cada culto afro-brasileiro. (SOUSA, V. 2019).

Mapa da região dos antigos reinos da África Central Costeira através dos quais saíram grande quantidade de negros para o Brasil.



Fonte: [http://www.africafederation.net/Kongo\\_History.htm](http://www.africafederation.net/Kongo_History.htm)

### Sobre as Casas de candomblé no Brasil

Através de autores que unem história oral com documentos escritos que datam desde o século XVIII, incluindo papéis de herança, plantas de terrenos, registros policiais, jornais e outros, percebemos a ligação de diferentes grupos religiosos no Brasil de origem africana.

A união de diversos grupos faz-se inicialmente nas Irmandades católicas, onde se reuniam africanos e seus descendentes, servindo para ajuda financeira mútua e na manutenção da cultura africana em terras distantes. Nestas, a exclusividade étnica não ocorria de fato, ainda que houvessem irmandades com uma maioria étnica.

As Irmandades estavam muito vinculadas ao catolicismo, podendo estar localizadas em um terreno da Igreja Católica. Essas Congregações eram grupos políticos, religiosos e filantrópicos de negros, sendo comuns no Brasil e na África. (VIEIRA, 2018; GOMES, 2009; GOMES & NEGRO, 2010).

A partir dessas irmandades, surgirão os primeiros terreiros de candomblé documentados, no início do século XIX, ainda no período escravagista, como a Casa Branca do Engenho Velho ou Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Salvador-BA) e o Zòògodò Bogun Malè Seja Hundé (Cachoeira-BA). (PARÉS, 2010. pp.: 165-185).

O candomblé não é um único culto religioso, mas antes uma série de cultos estreitamente aparentados com algumas diferenças nos preceitos teológicos e nos rituais. Assim, surge a palavra “candomblé”, datada de 1826, sendo a união do termo quimbundo candombe, que significa “dança com atabaques”, com o termo iorubá ilê ou ilê (casa): “casa de dança com atabaques”. (<http://www.geledes.org.br/conheca-palavras-africanas-que-formam-nossa-cultura/>; BEKENBROCK, 2012, pp.: 176-179).

Desta maneira, os vários templos e vertentes do candomblé são normalmente agrupados em “nações”, como já dito, organizadas ao longo do período colonial como agrupamentos com base em parentesco, etnia, território, língua e governabilidade africanos. (PARÉS, 2018, pp.: 23-62).

Ademais, o candomblé se refere primeiramente às tradições deixadas pelos ancestrais, os mais antigos, do que propriamente uma religião no sentido institucionalizado que conhecemos, por isso possui saberes que abarcam culinária, medicina, idiomas, vestimenta, história, sobretudo africana, mitos, além dos preceitos morais e sagrados. Por isso que o conhecimento do candomblé nas escolas deve se apresentar na sua forma cultural que exalta a cultura afro-brasileira, africana e indígena, demonstrando suas possibilidades de entendimento.

Portanto, os terreiros de candomblé irão se organizar a partir do aprendizado hierarquicamente transmitido por aqueles (as) considerados mais sábios e antigos, detentores dos saberes e segredos. Isto demonstra a importância da hierarquia e da ancestralidade, de vivos e mortos, que auxiliam nas práticas religiosas. Pois, para candomblecistas tanto os vivos quanto os mortos estão interligados pela mesma energia cósmica e divina advinda do Criador, Olorun (para os grupos nagôs), Nzambi (para os grupos congo-angola ou bantos), Mawu e Lissá (para os grupos jêje). Essa energia é comumente chamada de *àṣe* / *axé*. É a energia vital encontrada em todos os seres vivos, seres espirituais, no mundo e que impulsiona o universo. (JAGUN, 2019, p.:53).

As danças, as músicas, cantos, comidas e outros elementos são lembranças das histórias, em parte mitológicas, de ancestrais sagrados e/ou forças da natureza divinizadas que trazem *axé* para aqueles que participam da comunhão dos cultos.

É preciso salientar que os candomblés mesmo contando com um número significativo de escravizados e fugitivos, era liderado essencialmente por libertos, pois estes possuíam maior mobilidade e disponibilidade de tempo e recursos para desenvolver e manter os rituais. (REIS, J., 2001, pp.: 116-34).

### As principais casas de candomblé no Brasil

O terreiro matriz Ilê Axé Iyá Nassô Oká (do Engenho Velho-Salvador/BA) tem sua origem mítica na história de 3 princesas vindas de Oyó e Ketu na condição de escravas, as quais, teriam fundado um terreiro em um engenho de cana. Posteriormente, passaram a reunir-se num local denominado Barroquinha, onde criaram uma comunidade de Jêje-Nagô, relacionada à Capela de Nossa Senhora da Barroquinha, atual Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha, onde formaram primeiro a Irmandade católica de Nossa Senhora da Boa Morte. Esse grupo continha muitas influências tanto dos falantes do iorubá quanto dos falantes do ewe-fon, mistura linguística corrente no reino do Daomé e proximidades, ainda que não fossem os únicos idiomas. (LOPES, N. 2004, pp.: 373; 344. PARÉS, 2018, pp.: 25-35).

Sendo assim, o contato entre crenças de matriz africana e cristãs fez-se desde o início, no Brasil e mesmo na África durante a Idade

Moderna. (HEYWOOD, 2019). Ambas as crenças foram influenciadas mutuamente, pois houveram muitos casos de cristãos que recorriam à mística africana e afro-brasileira para solucionar problemas ou doenças.

A história documentada que temos relata a formação da Casa Branca do Engenho Velho aprox. em 1830, pela união dos africanos Iyá Nassô (Francisca Silva), do sacerdote Bamboxê Obitikô (Rodolfo Martins de Andrade), Obá Sanyá (Joaquim Vieira) e Obá Tosí (Marcelina da Silva), iyalorixá do Ilê Axé Iyá Nassô Oká e outros, relacionando a nação ketu e a família Bamboxê (originária de Oyò). (CASTILLO, 2016, pp.: 126-153). Porém, o contato com outros grupos religiosos, como bantos e jêje também se fez presente.

### Casa Branca do Engenho Velho ou Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Salvador-BA)



Casa Branca do Engenho Velho é considerada a primeira casa aberta em Salvador-BA e o primeiro monumento negro considerado patrimônio histórico do Brasil desde 31 de maio de 1984. Esta Casa de candomblé deu origem ao Terreiro do Gantois ou Iyá Omin Axé Iyá Massê, na Federação (Salvador- BA), fundado por Maria Júlia da Conceição Nazaré, em 1849, e ao Ilê Axé Opô Afonjá em Cabula (Salvador- BA), fundado por Eugênia Ana dos Santos, Tio Joaquim ou Obá Sanyá, em 1910. (Fonte: <[www.irdeb.ba.gov.br/multicultura/?p=5345](http://www.irdeb.ba.gov.br/multicultura/?p=5345)>. Acesso em: 2/2/22).

## Bamboxê Obitikô / Bangboşé



**Bamboxê Obitikô** (Rodolfo Manoel Martins de Andrade, c. 1820-1904) – no final da década de 1830, vindo do Império de Oyô, chega à Bahia este sacerdote de Xangô e babalaô, o qual ajudou a difundir pelo Nordeste e pelo Rio de Janeiro o culto aos orixás. (CASTILLO, 2016, pp.: 126-153; BENISTE, 2019, p.: 103)

Fonte: retirado do Centro Histórico Ilê Asé Osum Jokô Omi

Os formadores deste terreiro ajudaram a formar várias casas no Nordeste e Sudeste que repercutem a cultura e a história iorubá, além de servirem como redes de ajuda mútua para alforriar, cuidar de doentes, fazer empréstimos e manter unidos em uma nova terra uma família que ultrapassa os laços sanguíneos, já que nos terreiros se desenvolvem laços espirituais também. (CASTILLO, 2016, pp.: 126-142.)

Por isso, mesmo hoje, encontramos aspectos muito próximos de características iorubás entre os jêje, os nagôs e outros grupos, como o uso do idioma iorubá, vestimentas parecidas e rituais. Essa mistura se deu não só entre os idiomas iorubá e ewe-fon (além das línguas do Centro-Oeste africano), ocorreu também uma mescla de rituais, culto a divindades de vários locais, orixás, voduns e outras, formando o que hoje conhecemos nos candomblés brasileiros.

A família Bangbosé e o grupo ketu até hoje tem forte ligação, vista no Asé Ilê Iyami (Sta. Cruz da Serra – RJ) administrado pela ialorixá Lina de Oxumarê e o Babalorixá George de Sangô, ambos iniciados no candomblé por Regina Bamboxê, assim como, o entrevistado, babalorixá Júnior de Omulú que preside o Ilê Asé Osum Jokô Omi (Nova Iguaçu – RJ), tendo sido iniciado pela mesma Regina de Iemanjá ou Regina Bamboxê. Esta, possuía ligação sanguínea com a família Bangbosé.



Fotos da Iyalorixá Lina de Oxumarê, do babalorixá George de Sangô e seus filhos de santo em frente ao Axé Ilê Iyami em St. Cruz da Serra - RJ.

Fonte:

[extra.globo.com/noticias/rio/terreiro-na-baixada-recebe-princesa-nigeriana-que-quer-disseminar-cultura-ioruba-no-pais-20569799.html](http://extra.globo.com/noticias/rio/terreiro-na-baixada-recebe-princesa-nigeriana-que-quer-disseminar-cultura-ioruba-no-pais-20569799.html)

Abaixo, a Mãe-de-santo Regina Bangbosé recebendo o prêmio Camélia da Liberdade do ministro Gilberto Gil em 2006. (Prêmio criado pelo Centro de Articulação de População Marginalizadas (Ceap) para personalidades, empresas e entidades que valorizam a diversidade e a inclusão étnica.

(Fonte:

[ppghistoria.universo.edu.br/wpcontent/uploads/dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elaine.pdf](http://ppghistoria.universo.edu.br/wpcontent/uploads/dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elaine.pdf))



Regina de Bangbosé, já falecida, foi uma das descendentes muito conhecidas da família Bangbosé, a qual, teve papel imprescindível da formação e divulgação do candomblé no Brasil. Regina de Iemanjá, funda o Ilê Iyami, em Santa Cruz da Serra/RJ, filial carioca da família Bangbosé.



Terreiro Axé Osum Jokô Omi (Nova Iguaçu/Km 32 – RJ), no qual, Junior de Omulú preside. Casa ligada à família Bangbosé, através da mãe-de-santo de Junior, Regina Bangbosé.

Fonte: arquivo do Centro Histórico Tião de Irajá



Ao lado, Júnior de Omulú, Lina de Oxumarê e George de Xangô

Fonte: arquivo pessoal cedido por Júnior de Omulú

### Centro Histórico Tião de Irajá no Terreiro Axé Osum Jokô Omi

Esse Centro de memória fica dentro do terreiro de Júnior de Omulú e se tornou ponto de referência histórica e fotográfica para se entender o candomblé e parte da umbanda no Brasil, principalmente Rio de Janeiro, pois possui documentos e imagens preciosos para pensar a correlação dos vários ilês e seus adeptos.



Fonte: arquivo do Centro Histórico Tião de Irajá

Já o Zòògodò Bogun Malè Hùndo ou Roça de Cima esteve provavelmente ligado à Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios, da nação jêje e também à Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte, ambas criadas no séc. XVIII. O chamado terreiro do Bogun (Salvador – BA) era liderado por Ludovina Pessoa, tendo sido fundado cerca de 1835, de culto vodun e da nação jêje-mahi. Era associado com povos que viviam no Reino do Daomé (atual Benin), os quais, tinham contato com outros grupos de influência iorubá (sobretudo da Nigéria), principalmente entre os séculos XVIII e XIX, quando as guerras pelo interesse em se obter cativos aumentaram.

Entretanto, nesta região moraram muitos negros malês, de cultura muçulmana, que influenciaram o surgimento dessa casa, no idioma e nos ritos. (PARÉS, 2018, p.:183; CARVALHO, 2016 p.16).

A fama de Ludovina Pessoa era grande e ela tinha apoio de pessoas de destaque da elite de cor cachoeirense, em particular de Zé de Brechó, líder de associações e irmandades, profundo conhecedor da tradição Jêje e que, como dignitário do candomblé, chegou a dirigir o terreiro, após o falecimento de Ludovina, acabando por comprar o terreno, em 1882.

### Terreiro do Bogun ou Roça de Cima



Fonte: Fotos da Coleção Lorenzo Dow Turner (1940)

Neste terreiro, Luiza Franquelina da Rocha, depois gaiaku Luiza de Oyá, foi iniciada. Posteriormente, em 1952, ela abre sua própria casa, o Hùnkpámè Ayíonò Hùntóloji (Cachoeira – BA) e anos depois fez a iniciação de Marcos Antônio Lopes de Carvalho, o 1º entrevistado, que abre no Rio de Janeiro o Hùnkpámè Hùndangbènă.

Ainda que o 1º grupo jêje existente no Rio de Janeiro tenha sido o de gaiaku Rozenda, africana que chegara da África por volta de 1850, tal grupo tem suas raízes no terreiro de Tata Fomotinho (Antônio Pinto). Este

iniciado também em Cachoeira (BA) e que esteve ligado com a iniciação do primeiro pai-de-santo, de Marcos de Carvalho, Jorge de Iemanjá, já falecido.

### Hùnkpámè Ayíonò Hùntóloji (Cachoeira – BA)



Fonte: [https://cachoeirabahia.com/?page\\_id=595](https://cachoeirabahia.com/?page_id=595)



Ao lado, Gaiaku Luiza de Oyá, já falecida.

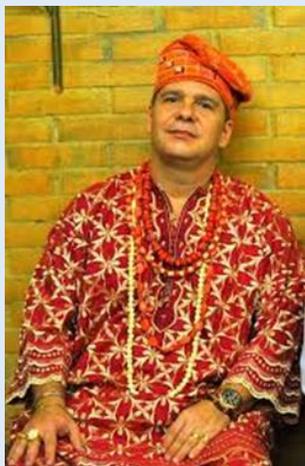
Fonte:  
<https://ocandomble.com/2011/10/19/perfil-gaiaku-luiza/>

Hùnkpámè Hùndangbèñă (Jd. Barro Branco-Duque de Caxias / RJ)



Fonte: arquivo pessoal cedido por Marcos de Carvalho

Mejitó / sacerdote do Hùnkpámè Hùndangbèñă – Marcos Antônio L. de Carvalho



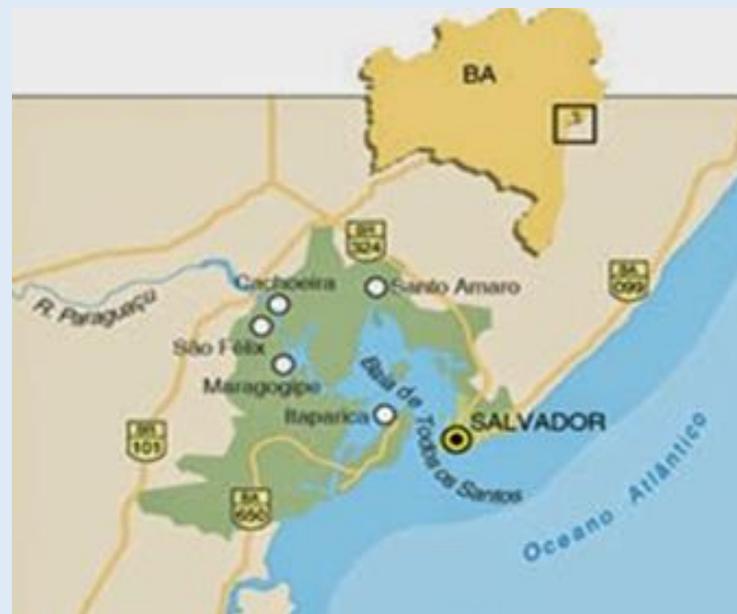
Fonte: arquivo pessoal cedido por Marcos de Carvalho



Mejitó Marcos e Gaiakó Regina de Avimaje atual dirigente do Hùnkpámè Ayíonò Hùntóloji em Cachoeira/BA.

Fonte: arquivo pessoal cedido por Marcos de Carvalho

Recôncavo Baiano (onde se localizam os terreiros mencionados):



(Fonte: <<http://rabiscosdeouvido.blogspot.com/2014/07/reconcavo.html>>. Acesso em: 10/9/22.)

Já o entrevistado, babalorixá Alexandre dos Santos, atuante no terreiro de mãe Nara de Oxóssi, o Asé Ilê Ayiê Ojú Odé Igbô, foi iniciado por Alda de Xangô, na Casa de Xangô Aiyrá. Com a morte de Alda de Xangô, ele adentra a casa de mãe Nara de Oxóssi, tomando obrigação<sup>5</sup> por Wanderlei de Ogun, filho-de-santo desta dirigente. A mesma, tomou obrigação com Lilico de Oxum e com seu falecimento passou para Benedito de Oxalá do Axé de Doum, o qual, era filho-de-santo de João Alagbá de Omulu.

João de Alagbá fundou seu terreiro no Rio de Janeiro, cerca de 1890, com a ajuda de Bangbosé Obitikô, Obá Sanyá e mãe Aninha (do Axé Opô Afonjá<sup>6</sup> – Salvador-BA). Esta casa foi frequentada por figuras ilustres, como Tia Ciata<sup>7</sup>.

O terreiro de Alagbá não tinha nome, era chamado de Casa de João de Alagbá, muito frequentado por pessoas brancas, negras e policiais, abrindo espaço para sua licença de funcionamento. Mas, quando morreu,

<sup>5</sup> Obrigações no candomblé são ritos realizados após a feitura (iniciação) para fortalecer os laços entre o adepto e seu orixá. (RABELO, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/BgQgGLH9FwwnhcrKLbqcRBG/?lang=pt>>. Acesso em: 30/8/2020).

<sup>6</sup> Ilê Axé Opô Afonjá - assim como a do Terreiro do Gantois, está vinculada ao Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, pois ele foi formado a partir de uma dissidência no Terreiro da Casa Branca, e passou a ser comandado por Eugênia Anna dos Santos, mãe Aninha, em 1910. (Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1637/>>. Acesso em: 27/8/2022).

<sup>7</sup> Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata (Salvador, 1854 — Rio de Janeiro, 1924) foi uma cozinheira, mãe de santo brasileira e uma das figuras influentes para o surgimento do samba carioca. Foi iniciada no candomblé em Salvador por Bangbosé Obitikô. No Rio de Janeiro, era Iyakekerê na casa de João Alabá. Também ficou marcada como uma das principais animadoras da cultura negra nas nascentes favelas cariocas. Ela era a dona de uma casa onde se reuniam sambistas e onde foi criado "Pelo Telefone", o primeiro samba gravado em disco, assinado por Donga e Mauro de Almeida. (Disponível em: <<http://dicionario.sensagent.com/TIA%20CIATA/pt-pt/>>. Acesso em: 27/8/2022)

sua casa acabou. Esse antigo terreiro era na rua Barão de São Félix, 76, Centro. (BENISTE, 2019, pp.: 201-203).

### Fachada da antiga casa de João Alagbá, hoje desativada



Fonte: google street view

**Alexandre C. dos Santos ou  
Xandi de Oxumaré,  
babalorixá do  
Asé Ilê Ayiê Ojú Odé Igbô.**

Fonte: arquivo pessoal cedido por Alexandre dos Santos



Nara de Oxóssi, ialorixá de Alexandre e zeladora do terreiro Asé Ilê Ayiê Ojú Odé Igbô

Fonte: arquivo público do Ogã Léo de Ayrá

Terreiro Asé Ilê Ayiê Ojú Odé Igbô (Realengo/RJ), no qual, Alexandre dos Santos participa. Fazendo parte da nação ketu (nagô) de culto orixá.



Fonte: arquivo pessoal do autor

### **Moralidade candomblecista e a influência iorubá**

A moral abarca um conjunto de valores, normas e noções do que é considerado certo e errado dentro de uma sociedade, logo é própria de um grupo e período. Ela também mantém os laços de coesão e convivência social, organizando a coletividade, assim, todos os povos têm concepções morais que os regem.

Já a ética se refere a pensar essa moral não como algo natural, estático e acrítico, e sim como um referencial de análise. Isto é, investigar os princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, pensando acerca da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social para então determinar o que é apropriado dentro da moral para cada povo ou situação.

A moral e a ética fazem parte da filosofia, a qual, é definida por um conjunto de concepções, práticas e teóricas, sobre o ser e seu papel no mundo, tendo diretrizes para a conduta humana e ambas podem sofrer

ressignificações, mantendo certas continuidades ou não ao longo da história.

Assim, dentro da filosofia dita iorubá, e outras africanas, não há decisões divinas que proibem certas ações e os transformam em pecados, o mal é o que prejudica os outros e prejudica a comunidade. O Criador do Universo não se preocuparia com a ordem moral e sim os ancestrais seriam aqueles que podem modelar condutas e eventualmente enviar punições.

Ao mesmo tempo, há uma constante dinâmica na tradição que se refere ao ciclo de vida, morte, ancestralidade e reencarnação. O entendimento da morte no candomblé atual, advindo dessa filosofia, entende que nada pode nascer se não houver renovação. Tudo que está sem movimento, estaria sem energia vital (axé), é nulo e logo é esquecido.

A própria mitologia referente aos orixás e a criação do mundo, a questão do Ori<sup>8</sup>, dos ritos funerários e da fertilidade humana explicitam essa compreensão. (PRANDI, 2001, pp.: 235; 310-311;345; 483; 502-506).

### Região de influência iorubá no continente Africano

---

<sup>8</sup> Ori é o destino construído em comunidade, mas definido pelo exercício da personalidade. Uma cabeça interna que concede livre arbítrio e a singularidade para cada indivíduo. Ori também é uma divindade pessoal, protetora do destino de cada indivíduo a ser revelada. Também chamado de *ekala*. (SÃO BERNARDO, 2018, p.240).

Nessa perspectiva, o comportamento humano está interligado a toda ordem cósmica, podendo ou não romper o equilíbrio das forças do Universo, as quais, devem ser permanentemente restituídas. Mas, esse equilíbrio é manter o bem comunal, não são regras óbvias ou meramente religiosas e sim aquelas que melhor permitem o bom funcionamento social. (ABAYOMI, p: 6, (?); BEWAJI, 2004, pp.: 396-401; LOPES, 2020, pp.: 19-47).



Fonte: <<https://www.ucl.ac.uk/atlas/yoruba/introduction.html>>. Acesso em: 22/9/2022.

A morte é necessária para o retorno e manutenção espiritual, criando novos seres e assim renovando a vida na Terra, daí a importância da fertilidade e da obediência aos ritos religiosos para que este processo decorra perfeitamente.

A moralidade aqui se exprime nessa ritualística e na compreensão do que é bom para a comunidade, a saber, o respeito aos ancestrais, a manutenção da sociedade e da família, através dos filhos e de todo comportamento que traz fartura e felicidade a todos, esta seria ética do “bem viver”.

Diante disto, é preciso entender que aspectos religiosos e sociais de povos que formaram o candomblé estão imbricados e não é possível pesquisar sobre esses grupos e suas formações culturais se não obtiver pontos de suas cosmologias aliados às suas práticas cotidianas.

Além disso, o conhecimento transmitido pela tradição ancestral mítica e ritualizada requer que o receptor coloque mais um elo nessa corrente transformadora, pois o ensinamento tradicional deve estar unido à experiência, buscando o bem da comunidade. Desta forma, encontra-se a ética entre os iorubás, o uso da inteligência nas atitudes, e não só pela pura erudição, para a continuidade do grupo.

### **Valores éticos iorubás e sua inserção no Brasil**

O termo *moralidade iorubá* se refere às similaridades entre um conjunto de povos que ao longo da diáspora e colonização portuguesa no Brasil formaram comunidades sócio-religiosas com conceitos teóricos e práticas em comum.

Ademais, conforme Thornton, muitos dos escravizados enviados para as Américas foram retirados de regiões divididas segundo critérios culturais e linguísticos: a Alta Guiné, a Baixa Guiné e a África Central ocidental. Para ele, em cada uma dessas regiões, as populações tinham muitas similaridades, partilhando valores, crenças e costumes. (Idem, 2004, p.: 17).

Assim, dentro da região da Baixa Guiné, existia maior predominância da cultura e língua iorubá, muito devido a influência do Império de Oyó (dentre os sécs. XV e XIX), assim como o reino do Daomé (séc. XVII - início XX). Desta maneira, podemos concluir que certos aspectos em comum desta região foram transportados e adaptados para

a condição da sociedade colonial brasileira ao longo da escravidão, se tornando um foco predominante por terem sido um dos últimos povos a virem em grande quantidade para o Brasil e por conta da valorização acadêmica e ascensão social dos ditos nagôs-iorubás entre os séculos XIX-XX.

Mesmo anteriormente, a falta de uma maior unificação litúrgica e as trocas culturais, ocasionaram a imbricação entre práticas religiosas cristãs e africanas, já no continente africano.

Em muitas situações a interpretação sobre o deus cristão relacionado às divindades do território, o uso da cruz e da bíblia (como amuletos) e os santos (vinculados a deuses locais) foram selecionados como uma forma de continuação de ritos religiosos africanos. (HEYWOOD, 2019, pp.: 84-99; SWEET, 2007, pp.: 225-254). Não exatamente uma substituição de uma crença por outra, mas a seleção por parte dos africanos do que eles acharam próximo e pertinente ao que eles já conheciam, criando o sincretismo afro-cristão.

A catequização com o uso das línguas locais e a união através do casamento de colonos com nativas africanas, oportunizou essa mistura cultural. Porém, em geral, as estruturas básicas foram mantidas, modificadas pelas ideias europeias em algumas áreas, formando um certo padrão, facilitando a sobrevivência de formas culturais e religiosas que foram exportadas para as Américas e sofrendo novas transformações, como o candomblé, o qual, evoca muitas vezes a ideia de evolução espiritual e moral, própria do espiritismo cristão (kardecista).

Essa transformação ocorreu com a vinda do kardecismo (doutrina organizada por Allan Kardec, no séc. XIX, orientando a crença em espíritos e a aceitação da possessão como meio pelo qual esses espíritos se comunicam com os vivos, além de um possível retorno da alma dos que já morreram).

Assim, ao longo do século XIX e XX, com a intensificação das perseguições religiosas, sobretudo às religiões de matriz africana, movida pela inferiorização das práticas africanas e pelo racismo, a procura por legitimação e sobrevivência desta religiões se fizeram presentes. Daí o sincretismo das ideias umbandistas, já influenciadas pelo kardecismo,

com o candomblé, o qual, absorveu muitos dogmas kardecistas, como o processo de reencarnação e a ideia de evolução espiritual.

Da mesma forma, ocorreu o movimento contrário, práticas candomblecistas e umbandistas que passaram a influir nos centros kardecistas<sup>9</sup>.

Porém, vemos hoje uma busca identitária que diferencia todos esses espaços, buscando origens e modos mais tradicionais de se lidar com a religiosidade ou espiritualidade. Esse movimento ocorre principalmente nas casas de candomblé, na sua procura por sua matriz africana.

A partir do contato com os sacerdotes do candomblé entrevistados e seus estudiosos, percebemos que apesar do candomblé carregar características similares, cada terreiro tem suas próprias lógicas. Desta forma, nos ditos axés/terreiros não há fórmula padrão ou um seguimento unificado da mitologia e dos rituais. Os axés possuem personalidade e hábitos próprios, embora tenham um formato aproximado. (BENISTE, 2019, p.: 156).

Cada terreiro se reconfigurou e aceitou as possibilidades que lhe foi permitidas, não havendo um único caminho para resolver essa dinâmica que a diáspora africana provocou e mesmo as inúmeras reinvenções que os povos negros (e outros participantes dos terreiros) criaram ao longo dos séculos mantiveram sua história viva, apesar do intenso movimento discursivo e cotidiano contrário a isso.

Percebemos que na dinâmica da vida e da morte, dentro da interpretação candomblecista, cada um é responsável pelo seu fazer em vida e no pós-morte e não há exatamente como saber que tipo de punição ocorrerá ou se irá ocorrer, apenas deve-se manter os processos mortuários, conforme os conhecimentos ancestrais, para uma “boa morte”, isto é, para que a alma do morto possa encontrar seus ancestrais (amigos e familiares) e assim quem sabe retornar um dia.

---

<sup>9</sup> Hoje vemos práticas candomblecistas e umbandistas dentro das casas kardecistas, como a entrega de doces referentes aos orixás Ibejis e os santos São Cosme e Damião, a incorporação de caboclos e preto-velhos, o uso de plantas em curas espirituais e físicas, dentre outros. [N. do autor].

Ainda assim, para todos os entrevistados do vídeo, um mal feito aos outros é um mal feito a si mesmo, ao próprio Orí, assim como os autores que relatam a questão da moralidade iorubá explicam.

Da mesma forma, a ideia da justiça cósmica – *esan*, traz consequências diante dos nossos atos, relacionadas ao senso de reciprocidade comunal, boa personalidade/nome, relacionamentos com outras pessoas e segurança junto aos ancestrais. (BALOGUN, Babalola Joseph, 2013, p.: 116). Isto também é posto por alguns entrevistados.

A falta de sabedoria e o mau relacionamento com o próprio Orí levam o indivíduo a tomar decisões ruins, levando ao desequilíbrio energético interior, à enfermidades físicas e mentais. Dentro deste aspecto, o corpo, a mente e a emoção se interligam, podendo trazer positividade para o sujeito e conseqüentemente a comunidade em que ele vive ou trazer negatividade a depender das atitudes deste.

Assim, o equilíbrio, a ser constantemente conquistado, é a força mediana que rege todo o universo, seja indivíduo, mundo terreno e mundo espiritual. É através deste e do asê (força energética) que tudo seria renovado e conquistado.

A existência dentro do sentido dos terreiros pressupõe uma dinâmica relação entre o terreno (Ayiê) e o mundo espiritual (Orun), buscando sempre manutenção e equilíbrio através dos ritos, das regras de convivência e do respeito para o funcionamento dos ilês.

Desta maneira, haveria uma troca de axé que equaliza os 2 mundos: espiritual e terreno e permite que esses mundos se desenvolvam da melhor maneira possível, conforme o entendimento de cada ilê sobre o que é ideal para tal equilíbrio.

Nesse sentido, também faria parte da lógica comunitária em se manter a hierarquia, a ordem, a humildade para que a pequena sociedade que você está adentrando, um ilê (terreiro), funcione bem e seja respeitada. Estes foram elementos encontrados nas falas de todos os entrevistados, ainda que expressos de maneira distinta. Aqui a questão principal é a sabedoria através do equilíbrio da mente, do mundo e do corpo.

Percebemos assim que não há um “purismo” dentro do candomblé, pois sendo este parte da diáspora, o que existe é uma reconfiguração. Apesar disso, há um esforço grande em manter o máximo possível de um tipo de ordenação das questões africanas nos ilês que também se relacionam com o catolicismo, o kardecismo, dentre outras influências.

O sincretismo percebido reúne diferentes doutrinas para a formação de uma nova crença, como o candomblé [e a umbanda], mantendo características típicas de todas as suas doutrinas-base, como as religiosidades africanas que chegam ao Brasil com os escravizados. Apesar da tentativa colonizadora em restringir os cultos afro-brasileiros, estes ganham amplitude e acabam miscigenados com diversas tradições,

cristãs, indígenas e outras. Assim como influenciaram o cristianismo nas Américas. (HEYWOOD, 2019).

O uso de plantas locais e rezas de origem indígenas, o termo “santo”, as imagens e roupas de origem europeias, assim como a idealização da evolução através da reencarnação, de origem kardecista, são alguns exemplos que percorrem as interpretações dentro dos terreiros.

## Conclusão

O modo como os grupos: Ketu, Jêje e Bamboxê se entendem no Brasil não estão isolados de suas histórias na África com permanências que são visíveis em ritos, linguagens, imagens e o contato muitas vezes direto com pessoas ilustres do continente (geralmente ligadas ao seu grupo/família de origem), como foi percebido nas entrevistas.

Da mesma maneira, a influência de princípios iorubás, seja na língua, modo de viver, filosofia de vida, entendimento da morte e da vida se espalham, à despeito da suposta hegemonia cristã. Isto se intensifica a partir do séc. XIX, com a vinda de maior quantidade de populações da área de influência iorubá e o alcance social que muitas dessas alcançaram no Brasil, permitindo maior mobilidade para difundir sua cultura e crenças.

Os entrevistados, sacerdotes do candomblé, demonstram então essas conexões, pois Marcos Antônio Lopes de Carvalho é um sacerdote do Humpame Hundamendã, de origem jêje-mahi, de culto vodun; Alexandre Carvalho dos Santos é sacerdote ou babalorixá do Asé Ilê Ayiê Ojú Odé Igbô, de origem ketu, de culto orixá. Já as entrevistas não filmadas possuem ainda o participante Luís Claudio Giorno do Ilê Odô Obá Obitokô e Sebastião Francisco dos Santos, babalorixá e babalaô, do Ilê Asé Osum Jokô Omi, ambos axés vinculados à família Bamboxê de Oyó, de culto orixá.

Todas as casas de candomblé que estes entrevistados participam possuem similitudes com as proposições da filosofia iorubá ou o que podemos chamar de moralidade iorubá, mas ainda mantendo cada terreiro suas próprias particularidades, nos ritos, na convivência e em suas origens.

Assim, as casas de candomblé [e de umbanda] nos trazem inúmeras possibilidades interpretativas, pois esses terreiros são produtos de diversas injunções, e também pela premissa que aceitam outras ancestralidades, outros conhecimentos, abrindo espaços para modos de vida e novos olhares, a partir do reordenamento africano no Brasil.

Desta forma, não houve um esvaziamento do sentido da religiosidade e sim uma readaptação à realidade brasileira, marcando um outro exercício, mas dentro do pensamento inicial.

#### Celebração religiosa realizada na beira de uma lagoa



Fonte: <<https://www.todamateria.com.br/umbanda/>>. Acesso em: 22/9/22.

#### Referências bibliográficas:

- ABAYOMI, Onifade Temitayo. A philosophical analysis of the concept of good and bad as it exists in classical yoruba (african) moral system. Disponível em: <[https://www.academia.edu/31889852/a\\_philosophical\\_analysis\\_of\\_the\\_concept\\_of\\_good\\_and\\_bad\\_as\\_it\\_exists\\_in\\_classical\\_yoruba\\_african\\_moral\\_system](https://www.academia.edu/31889852/a_philosophical_analysis_of_the_concept_of_good_and_bad_as_it_exists_in_classical_yoruba_african_moral_system)>. Acesso em 24/6/2021.
- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: uma conversa com historiadores. In: Estudos Históricos, 2008, v.21, n.41, pp.: 5-20.
- AGUIAR, Viviane. Identidades culinárias: os livros de receitas e a “folclorização” das cozinhas regionais no Brasil (1928-1967). In: ANPUH-Brasil - 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Recife, 2019, pp.: 1-15.
- AGUIAR, Lilian Maria M. de. "A escrita do antigo Egito"; NET. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-escrita-antigo-egito.htm>>. Acesso em 12/9/22.
- AYRÁ, L. Arquivo público do Ogã Léo de Ayrá. NET. Disponível em: <https://www.facebook.com/videosoganleo/videos/50-anos-de-m%C3%A3e-zez%C3%A9-de-bar%C3%BA-teaser/1652611364758224/>. Acesso em: 2/5/22.
- AKOTIRENE, Carla. O Que é Interseccionalidade? São Paulo: Editora Letramento, 2018.
- ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais. In: Revista História Hoje, v. 1, nº 1, pp.: 61-88, 2012.

- ALMEIDA, Sílvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALVES, Rômulo; NETO, Nivaldo. A Natureza Sagrada do Candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de Candomblé NO NORDESTE DE BRASIL. In: Inter ciência, AUG 2010, VOL. 35 N° 8, pp.: 568-574.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Coord.). Usos e abusos da História Oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ANDRESON, Jamie Lee. Ruth Landes e Edison Carneiro: matriarcado e etnografia nos candomblés da Bahia (1938-9). IN: Rev. Hist. UEG-Parangatu, v.2, n.1, p.236-261, jan./jul. 2013. Pp.: 236-261.
- ANWULUORAH, Ogugua Patricia; ASIKE, Jude Chinweuba. Nigeria traditional moral values in the context of globalization: approach of justice and responsibility. In: Journal of religion and human relations. Department of Religion and Human Relations, Nnamdi Azikiwe Univ. Ano: 2015, Volume: 7, Número: 2, pp.: 190-195.
- ARAÚJO, Alessandro. Umbanda: patrimônio cultural imaterial da cidade do Rio de Janeiro – ensino de história, formação de professores e combate ao racismo religioso. Dissertação de mestrado profissional (Profhistória). UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2020.
- ARAÚJO, Maria José de. Religiões afro-brasileiras: em um debate a partir da Base Nacional Comum Curricular. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira). Departamento de História do CERES - Campus de Caicó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Caicó, 2016.
- ARIËS, Philippe. História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- Atlas da violência 2019. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Consultado em: 19/12/2020).
- ASCENSO, João. “Razão universal” e saberes coloniais: diagnóstico de uma epistemologia eurocêntrica a partir da América Latina e caminhos de encontro à subjetividade e ao outro. 2021. Pp.: 1-22.
- AUGRAS, Monique. De Iyá Mi a Pomba-Gira: transformações e símbolos da libido. In: MOURA, Carlos E. Marcondes (Org.). In: Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000, pp.: 17-44.
- \_\_\_\_\_. Quizilas e Preceitos. In: Revista Olorùn. N. 48, pp.: 6-31, 2017. Disponível em: < <http://olorun.com.br/site1/?task=convert.getpdf&id=50&filename=Revista-Olorun-48.pdf>. > Acesso em: 2/6/2020.
- BAËTA DA SILVA, Livia. A irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: uma perspectiva museológica e de gênero. Dep. Museologia da UFBA. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/LiviaMariaBaetadaSilva.pdf>. >. Acesso em 19/6/2020.
- BALLESTRIN, LUCIANA. América Latina e o giro decolonial. In: Revista Brasileira de Ciência Política, n.11. Brasília, maio – agosto. 2013.
- BALOGUN, Babalola Joseph. The Consequentialist Foundations of Traditional Yoruba Ethics: an Exposition. Obafemi Awolowo University. Nigeria. In: Thought and Practice: A Journal of the Philosophical Association of Kenya (PAK) New Series, Vol.5 No.2, December 2013, pp.103-121.
- BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- BENISTE, José. Jogo de búzios: um encontro com o desconhecido. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. História dos Candomblés no Rio de Janeiro: o encontro africano com o Rio e os personagens que construíram sua história religiosa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019.
- \_\_\_\_\_. Órun-Àiyé: O Encontro de Dois Mundos. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.
- BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. In: Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BERKENBROCK, Volney J. A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. O conceito de ética no candomblé. In: Horizonte. PUC-MINAS: Belo Horizonte, v. 15, n. 47, pp.: 905-928, jul./set. 2017.

- BETHENCOURT, Francisco. Racismos: das Cruzadas ao século XX. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- BETONI, Camila. Etnografia. In: InfoEscola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/antropologia/etnografia/>>. Acesso em: 21/2/2020.
- BEWAJI, John Ayotunde. Ethics and Morality in Yoruba Culture. pp.: 396-403, 2004. Disponível em <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9780470997154.ch32>>. Acesso em: 29/3/2021.
- BEZERRA, J. Aspectos Gerais da África. NET. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/aspectos-gerais-da-africa/>>. Acesso em: 10/9/22.
- \_\_\_\_\_. Umbanda. In: Toda Matéria. NET. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/umbanda/>>. Acesso em: 22/9/22.
- BRASIL (2003). Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Recuperado em 14/3/2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 6/6/2020.
- \_\_\_\_\_. (1996). Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-9394/96). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm#art26a](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art26a)>. Acesso em: 5/6/2020.
- \_\_\_\_\_. (2008). Lei 11.645, de março de 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)>. Acesso em: 5/6/2020.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações étnico-raciais e para o Ensino de História e da Cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes\\_curric\\_educ\\_etnicoraciais.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_etnicoraciais.pdf)>. Acesso em: 5/6/2020.
- \_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações étnico-raciais e para o Ensino de História e da Cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 5/2/2021.
- BRASILEIRO, C. Mulheres nas universidades: por que precisamos aprender a contar? In: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-nas-universidade-cristiane-brasileiro-fala-porque-precisamos-aprender-a-contar/>>. Acesso em: 19/2/2022.
- BURKE, P. Hibridismo Cultural. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CADERNOS DE PEDAGOGIA. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_uem\\_hist\\_pdp\\_rosa\\_aparecida\\_pelogia.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uem_hist_pdp_rosa_aparecida_pelogia.pdf)>. Acesso em: 2/5/22.
- CARANCI, C. Portugueses no Congo: aliança e opressão. TOK DE HISTÓRIA. NET. 30/10/15. Disponível em: <[http://www.africafederation.net/Kongo\\_History.htm](http://www.africafederation.net/Kongo_History.htm)>. Acesso em: 30/5/2022.
- CARDOSO, Ciro F. S. "O trabalho na colônia". In LINHARES, Maria Yedda (org.). História geral do Brasil. Rio de Janeiro, Campus, 1990.
- CASTRO, Y. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: revista.ufrr.br. NET. 2 de agosto de 2000. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>>. Acesso em: 1/9/22.
- CATRACA LIVRE. Cinco oportunidades de emprego para brasileiros na Nigéria. NET. 31/03/2016. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/carreira/cinco-oportunidades-de-emprego-para-brasileiros-na-nigeria/>>. Acesso em: 5/6/22.
- CANCLINI, Nestor G. Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidade. Barcelona: Gedisa, 2004.
- \_\_\_\_\_. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- Capitalismo. In: Oxford Language. Disponível em: <<https://www.lexico.com/es/definicion/capitalism>>. Acesso em: 29/7/2020.
- CAPONE, Stefania. A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

- CAPUTO, Estela. Conhecimento e memória no culto de Egum: a confecção da casa-corpo da morte. In: MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11(29), 2011 – jan/jul. Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Verificado em 17/4/2020. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>>. Pp.:665-679.
- Carregador de caixão, uma profissão comum em Gana que virou meme internacional. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/verne/2020-04-14/carregador-de-caixao-uma-profissao-comum-em-gana-que-virou-meme-internacional.html>>. Acesso em: 25/12/20.
- CARTH, John Land. A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de Educação para Educação das Relações Étnico-Raciais (afro-brasileira, quilombola, cigana). Disponível em: < <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/artigos/A-BNCC2018-e-a-ERER.pdf>>. Acesso em: 26/9/2020.
- CARVALHO, Francismar Alex de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. In: Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, v. 9, n. 1, 2005, pp.: 143-165.
- CARVALHO, Marcos. Gaiaku Luiza e a trajetória do jêje-mahi na Bahia. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- CASTILLO, Lisa. Bamboxê Obitikô e a expansão do culto aos orixás (século XIX): uma rede religiosa afroatlântica. Tempo (Niterói, online). Vol. 22 n. 39. pp.126-153, jan-abr., 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/tem/a/hMLHYwMvRWrNZ3MgYsjY3Pj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5/8/2021.
- CASTRI, Sílvia Regina L. A cosmovisão africana sobre a morte nas telas de Jean Baptiste Debret. Disponível em: < <https://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2009/loreno.pdf>>. Acesso em: 25/12/2020.
- CASTRO, Erico Lustosa da Silveira. Exu: deus, orixá ou demônio? Tese de Mestrado. Universidade Católica de Pernambuco. Biblioteca Depositária: UNICAP: Recife, 2012.
- CASTRO-GOMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro, In: LANDER, E. (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Coleccion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. Pp.: 80-87.
- CATROGA, Fernando. Memória e historiografia. In:\_\_\_\_. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001. Pp.: 36-51.
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/sobre>>. Acesso em: 21/2/2020.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 2002, pp.: 11-28.
- \_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: Revista das Revistas – Estudos Avançados, n. 11(5), 1991, pp.: 173-191.
- CIRNE, Michelle. A produção necessária das intelectuais feministas africanas no campo dos estudos de gênero e a agência do CODESRIA. In: Revista África(s), v. 04, n. 08, p. 104-114, jul./dez. 2017, pp.: 104-114.
- CLIO NA INTERNET. Griôs (griots), os contadores de histórias da África. NET. 19/06/2013. Disponível em: <<https://clionainternet.wordpress.com/2013/06/19/griots-os-contadores-de-historias-na-africa/>>. Acesso em: 10/9/22.
- COELHO DA SILVA, Elisângela. A história da África na escola, construindo olhares “outros”: as contribuições do manual do professor do livro didático de História do Ensino Médio. Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. 2018.
- COELHO, Isabelle de Lacerda Nascentes. O Axé na Sala de Aula: abordando as religiões afro-brasileiras no ensino de história. Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.
- COELHO, Y. What is the history behind the Yoruba speaking people in Brazil? NET. Disponível em: < <https://www.quora.com/What-is-the-history-behind-the-Yoruba-speaking-people-in-Brazil>>. Acesso em: 30/5/2022.

- CORDEIRO, T. 12 religiões afro que se espalharam pelas Américas. NET. 19 mar 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/12-religoes-afro-que-se-espalharam-pelas-americas/>>. Acesso em: 22/9/22.
- CÔRTEZ DE OLIVEIRA, Maria. Viver e morrer no meio dos seus: nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX. In: Revista USP, São Paulo, dez/fev, pp.: 174-193, 1995/96.
- COSTA, OLI SANTOS DA. Exu o orixá fálico da mitologia nagô-yorubá: demonização e sua ressignificação na Umbanda. Tese de Mestrado. PUC-Goiás, Goiânia Biblioteca Depositária: PUC GOIÁS, 2012.
- COSTA, Robson. Entre o santo e o batuque: os escravos de São Bento sob a regra do glorioso patriarca. In: COSTA, V.; GOMES, F. Religiões negras no Brasil: da escravidão à pós emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2016. Pp.: 41-58.
- DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. NET. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-adinkra/>>. Acesso em: 10/7/22.
- DOMINGUES, J. Reino núbio de Kush: período Meroíta. NET. 9 de dezembro de 2014. Ensinar História. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/periodo-meroita/>>. Acesso em 10/9/22.
- DINIZ, Debora; LIONÇO, Tatiana; CARRIÃO, Vanessa. Laicidade e Ensino Religioso no Brasil. Editora Letras Livres/Editora UnB/Unesco, 2010.
- EPEGA, A.; NEIMARK, P. O oráculo de Ifá. NET. 2022. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/21363856-O-oraculo-sagrado-de-ifa.html>> Acesso em: 10/9/22.
- EXTRA Jornal. Terreiro na Baixada recebe princesa nigeriana que quer disseminar a cultura iorubá no país. NET. 01/12/16. Disponível em: <[extra.globo.com/noticias/rio/terreiro-na-baixada-recebe-princesa-nigeriana-que-quer-disseminar-cultura-ioruba-no-pais-20569799.html](http://extra.globo.com/noticias/rio/terreiro-na-baixada-recebe-princesa-nigeriana-que-quer-disseminar-cultura-ioruba-no-pais-20569799.html)>. Acesso em: 10/9/22.
- EGUNGUNS. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Culto\\_aos\\_egunguns](https://pt.wikipedia.org/wiki/Culto_aos_egunguns)>. Acesso em: 31/7/2020.
- Epidemia de Marburg em Angola: quando salvar vidas parece ser uma atividade cruel. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/epidemia-de-marburg-em-angola-quando-salvar-vidas-parece-ser-uma-atividade-cruel>. Acesso em: 25/12/20.
- Ética. In: Oxford Languages; BrasilEscola. Disponível em: < [https://www.google.com/search?ei=mH7sX7LiKs3C50UPhWvoAY&q=%C3%A9tica+%oq=%C3%A9tica+%gs\\_lcp=CgZwc3ktYWIQAzIKCAAQsQMQRhD5ATICCAyB AgAEEMyAggAMgIIADICCC4yAggAMgQIABBDmgIIADICCAA6BAgAEEdQ1h5Y1h5gwCJoAHACeACAAXmIAXmSAQMwLjGYAQcGAgQGqAQdnd3Mtd2l6yAEIwAEB&scclient=psy-ab&ved=0ahUKEwiyjtb15fXtAhVNlIkGHYTCC2QQ4dUDCA0&uact=5](https://www.google.com/search?ei=mH7sX7LiKs3C50UPhWvoAY&q=%C3%A9tica+%oq=%C3%A9tica+%gs_lcp=CgZwc3ktYWIQAzIKCAAQsQMQRhD5ATICCAyB AgAEEMyAggAMgIIADICCC4yAggAMgQIABBDmgIIADICCAA6BAgAEEdQ1h5Y1h5gwCJoAHACeACAAXmIAXmSAQMwLjGYAQcGAgQGqAQdnd3Mtd2l6yAEIwAEB&scclient=psy-ab&ved=0ahUKEwiyjtb15fXtAhVNlIkGHYTCC2QQ4dUDCA0&uact=5); <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-etica.htm>>. Acesso em: 30/12/20.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FARIA, Sheila de Castro. Sinhás pretas: acumulação de pecúlio e transmissão de bens de mulheres forras no sudeste escravista. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; FRAGOSO, João Luís; DE CASTRO, Hebe. (Orgs.). Escritos sobre história e educação: uma homenagem a Maria Ieda Linhares. Rio de Janeiro: Mauad-FAPERJ, 2001, pp.: 289-329.
- FERREIRA, J. 11 línguas! Como se entendem?! NET. 8 de junho de 2010. Disponível em: <<http://olaturismo.blogspot.com/2010/06/11-linguas-como-se-entendem.html>>. Acesso em: 10/9/22.
- FERREIRA, João Victor. Terreiro é lugar de aprender: pensando as infâncias nos espaços educativos dos terreiros. In: Revista Giramundo. V. 6, n.12, J U L. / D E Z. 2019, pp.: 103-116. Disponível em: < <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/2744/1748>> acesso em: 20/1/2020.
- FERREIRA, Marta. Os cadernos diários nos cotidianos do Ilê asé omi larè iyá sagbá. In: Revista História Hoje. V.4, n.8, pp.: 348-365. 2015.
- FERRETI, Sérgio. Nina Rodrigues e a Religião dos Orixás Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA, S. Luís, MA. 2006. Pp.: 54-59.
- GAIA, R. VITÓRIA, A. ROQUE, A. Candomblé no Brasil: resistência negra na diáspora africana. São Paulo: Paco Ed. 2020.

- GALINDO, Flavia. Agência humana e estrutura a partir da teoria da estruturação. In: Revista Unisinos. Unisinos: São Leopoldo, V. 51, N. 2, mai/ago, 2015. pp.: 123-132. Disponível em: <[http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/viewFile/csu.2015.51.2.02/4786](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2015.51.2.02/4786)>. Acesso em 29/7/2020.
- GAUDIO, Eduarda; PICCININI, Larise. Pensamento decolonial e formação de professores/as: perspectivas de emancipação dos currículos. In: Pedagogias decoloniais, interculturalidade e experiências educativas insurgentes. Anais eletrônicos do III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação Criciúma, 2018, pp.: 102-124.
- GEBRAN, Raimunda; LUVIZOTTO, Caroline; PONCIANO, Deize. Proposta curricular de história: considerações acerca da história e da cultura afro-brasileira. In: Educação em Revista. Marília, v. 11, n.2, jul-dez, 2010, pp.: 75-94.
- Géledés na tradição iorubá. In: Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/geledes/gelede-na-tradicao-yoruba/>>. Acesso em: 31/7/2020.
- GIROTO, Ismael. O universo mágico-religioso negro-africano e afro-brasileiro: bantu e nàgó. Tese de doutorado em Antropologia. São Paulo: USP, 1999.
- GOMES, Flávio; CUNHA, Olívia. Que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: \_\_\_\_\_. Quase cidadãos: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, pp.: 7-15, 2007.
- \_\_\_\_\_.; NEGRO, Antônio. Além de senzalas e fábricas uma história social do trabalho. IN: DOS SANTOS, Inaê. Além da Senzala: Arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850). Revista Tempo Social, revista de sociologia da USP, São Paulo: Hucitec, v. 18, n. 1, 2010, pp. 217-240.
- GOMES, Heloisa. As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos EUA. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.
- GOMES, E. Mãe Regina de Bamboxê: diálogos entre Rio de Janeiro e Salvador, uma história social do axé. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em História - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2012. Disponível em: < [ppghistoria.universo.edu.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elaine.pdf](http://ppghistoria.universo.edu.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elaine.pdf)>. Acesso em: 22/9/2022.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 jan./jun., 1988b, pp.: 69-82.
- GRUZINSKI, Serge; CARMEN, Bernard. História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia. 1492-1550. 2ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2001.
- \_\_\_\_\_. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. Topoi: Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195.
- HEYWOOD, Linda. (Org.). Diáspora negra no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- HALL, Gwendolyn M. Escravidão e etnias africanas nas Américas: restaurando os elos. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HIPÓLITO, Paulo. Candomblé: razões de sua abordagem na sala de aula. In: Revista Urutágua. Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/Campus de Guarabira, nº 23, Jan.Fev.Mar.Abril. 2011.
- HONORATO, Claudio. Imagens da morte: a representação africana da morte através das telas de Jean de Baptiste Debret. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945027\\_7707ac4b18a555f6b36fb69d31fc6a7b.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945027_7707ac4b18a555f6b36fb69d31fc6a7b.pdf)>. Acesso em: 25/12/2020.
- HÜNGBÓNÒ CHARLES. Perfil - Gaiakú Luíza. NET. 19/10/09. Disponível em: <<https://ocandomble.com/2011/10/19/perfil-gaiaku-luiza/>>. Acesso em: 3/7/22.
- IPAC. Bahia. Terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix (Coleção Cadernos do IPAC). NET. Disponível em: <[https://cachoeirabahia.com/?page\\_id=595](https://cachoeirabahia.com/?page_id=595)> Acesso em: 3/7/22.
- Igbo burials: How Nigeria will bid farewell to Achebe [Sepulturas de Igbo: como a Nigéria se despedirá de Achebe]. In: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-22610497>> por Adaobi Tricia Nwaubani, Lagos, publicado em: 23 May 2013. Acesso em: 22/12/2020.
- JAGUN, Márcio de. Ewé: a chave do portal. 1ª ed. Litteris: Rio de Janeiro, 2019.

- Kardecismo. In: Oxford Languages Dicionário. Disponível em: <[https://www.google.com/search?biw=1366&bih=625&ei=wbUkX9HtHeq650UPgd6owAY&q=kardecismo&oq=kardec&gs\\_lcp=CgZwc3ktYWIQAxcCMgQIABBDmGU IABCxAzIECAAQQzIFCAAQsQMyBQgAELEDMgIIADICCC4yAggAMgIIADICCAA6BQguELED0gQILhBD0ggILhCxAxCDAVDGRlipXmC0c2gAcAB4AIAB0gKIAaULkg EHMC4yLjMuMZgBAKABAaoBB2d3cy13aXrAAQE&scient=psy-ab](https://www.google.com/search?biw=1366&bih=625&ei=wbUkX9HtHeq650UPgd6owAY&q=kardecismo&oq=kardec&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQAxcCMgQIABBDmGU IABCxAzIECAAQQzIFCAAQsQMyBQgAELEDMgIIADICCC4yAggAMgIIADICCAA6BQguELED0gQILhBD0ggILhCxAxCDAVDGRlipXmC0c2gAcAB4AIAB0gKIAaULkg EHMC4yLjMuMZgBAKABAaoBB2d3cy13aXrAAQE&scient=psy-ab)>. Acesso em: 31/7/2020).
- KENDI, Ibraim X. Como ser antirracista. SIEGERT, E. (Trad.). Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. OLIVEIRA, J. (Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LAFFORGUE, E. IN: Hypeness. NET. 10/03/2014. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2014/03/as-impressionantes-marcas-e-cicatrices-que-tribos-africanas-fazem-na-pele/>> Acesso em: 10/9/22.
- LONDON GLOBAL UNIVERSITY. YORUBÁ. NET. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/atlas/yoruba/introduction.html>>. Acesso em: 22/9/2022.
- LETA, J. A presença da mulher brasileira no mundo acadêmico e científico. IN:<<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/formacao-e-educacao/a-presenca-da-mulher-brasileira-no-mundo-academico-e-cientifico-por-jacqueline-leta/20541/>>. Acesso em: 19/2/2022.
- LIMA, Monica. História da África: temas e questões para a sala de aula. In: Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF, (n.7) (novembro 2006), pp.: 69-101.
- LOPES, Nei. Enciclopédia da Diáspora Africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- \_\_\_\_\_; SIMAS, Luiz Antônio. Filosofias africanas: uma introdução. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- MANZOCHI, Helmy. Axexê: um rito de passagem. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, v. 5, 1995, pp.: 261-266.
- MARZANO, Andrea. Cruzes e feitiços: Identidades e trocas culturais nas práticas fúnebres em Angola. In: Revista do Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais. v.32 n.59 Belo Horizonte Mai./Ago. 2016.
- MATORY, J. LORAND. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950. In: Horizontes antropológicos. vol.4, no.9, Porto Alegre, Oct., 1998. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71831998000200263](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200263)>. Acesso em 2/5/2021.
- MATOS, Denis. A Casa do “Velho”: o significado da matéria no Candomblé. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2017.
- MACOTA, G. Antigos reinos e impérios africanos. NET. 7 de agosto de 2018. Disponível em: <<historiaensinoedufundamental.blogspot.com/2018/08/imperios-e-reinos-africanos-atividade.html>>. Acesso em 5/6/22.
- MATOS, G. Human Evolution. NET. 7 de maio de 2013. disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/8561299/HUMAN-EVOLUTION>>. Acesso em: 3/5/22.
- MESQUITA, T. Expedições. NET. Out de 2012. Disponível em: <<https://www.thiagomesquita.com.br/portfolio/expedicoes/27851-missao-africa-ong-mocambique>> Acesso em: 10/9/22.
- MULTIRIO. Reinos africanos. NET. Disponível em: <[www.multirio.rj.gov.br/assista/index.php/481-aula-08-reinos-africanos](http://www.multirio.rj.gov.br/assista/index.php/481-aula-08-reinos-africanos)>. Acesso em 5/6/22.
- Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira. NET. Fotos da Coleção Lorenzo Dow Turner (1940). Disponível em: <<https://museuafrodigital.ufba.br/lorenzo-turner-1940-1941>>. Acesso em: 22/9/2022.
- MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. 4ª reimpressão, n-1 edições: São Paulo, 2020.
- \_\_\_\_\_. África Insubmissa: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Karthala: Paris, 2005.
- MELLO, José Maurício de. O positivismo e a educação provida pelas mulheres como fator de transmissão epistemológica operada entre os séculos XIX e XXI. Dissertação de mestrado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/Juliana%20Borges/Desktop/Mello\\_Jose\\_MS\\_Me\\_2007.pdf](file:///C:/Users/Juliana%20Borges/Desktop/Mello_Jose_MS_Me_2007.pdf)> Acesso em: 13/7/2020.

- MENDES, Arlindo. A atitude do santiagoense perante a morte: rituais fúnebres. Dissertação de mestrado em Estudos Africanos. Universidade do Porto/ faculdade de Letras, 2003.
- MERLO, Patrícia. A família escrava nas tramas do cotidiano. In: Dimensões, v. 26, 2011, pp.: 288-301.
- MERLO, P.; VIDAUD, C. Dangbé et le peuplement houéda. In: MEDEIROS, François. (Org.). Peuples du Golfe du Bénin (Aja-Ewé). Paris: Karthala, 1984, pp.: 269-304.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da Modernidade. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 32, nº 94, junho, 2017.
- MOURA, Carlos de. Culto aos orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- MULLET, Nilton; SEFFNER, Fernando. Ensino de história: passados vivos e educação em questões sensíveis. In: Revista história hoje. V.7, n. 13, 2018, pp.: 14-33.
- MUNANGA, Kabengele. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.
- NEL, P. J. Morality and Religion in African Thought. In: Acta Theologica 2: 46. Centre for African Studies, University of the Free State, Bloemfontein, South Africa. 2008, pp.: 33-47.
- NOGUEIRA, Léo. Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista. Tese de doutorado. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Programa de Pós-graduação em História, Goiânia, 2017.
- NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância religiosa. São Paulo: Sueli Carneiro; Ed. Jandaíra, 2020.
- NWOSU, Steve. The Ethics of Justice and Good Governance in African Traditional Society. In: Democracy & Nature, Vol. 8, No. 3, 2002, pp.:467-482.
- NOGUEIRA, A. Como ler textos em hieróglifo? Entenda como funcionava a escrita dos antigos egípcios. NET. 15/09/2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/como-ler-textos-em-hieroglifo.phtml>>. Acesso em: 10/9/22.
- OLIVEIRA, M.. O Mundo dos Orixás. NET. 30 de agosto de 2008. Disponível em: < <https://ocandomble.com/2008/08/30/oriki-2/>>. Acesso em: 10/9/22.
- ODÉ ǪLAIGBO. Uma definição de odu. Julho 10, 2011. Disponível em: < <https://ocandomble.com/2011/07/10/uma-definicao-de-odu/>>. Acesso em: 16/2/22.
- O que é Géledés? In: Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-e-gelede/>>. Acesso em: 31/7/2020.
- O que é moral? In: BrasilEscola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-que-moral.htm>>. Acesso em: 30/12/20.
- OLIVA, A. A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. In: Estudos afro-asiáticos. 25 (3). 2003. Pp.: 421-461.
- \_\_\_\_\_. Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico. Tese de doutorado, UNB, 2007, pp.: 55-66; 82-89.
- OYEWUMI, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. LOPES, Juliana (Trad.). In: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. V. 1, Dakar: CODESRIA, 2004, pp.: 1-8.
- \_\_\_\_\_. Laços familiares/ligações conceituais: notas africanas sobre Epistemologias feministas. ROCHA, Aline (Trad.). In: Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. Signs, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium (Summer, 2000), pp. 1093-1098.
- PARÉS, Luís N.; CASTILLO, L. E. Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para uma historiografia do candomblé ketu. In: Afro-Ásia (UFBA), v. 36, 2007, pp.: 111-152.
- PARÉS, Luís Nicolau. O mundo Atlântico e a constituição da hegemonia do nagô no candomblé baiano. In: REVISTA ESBOÇOS, v. 17, n. 23, 2005, pp.: 165-185.

- \_\_\_\_\_ O candomblé da Bahia e o terreiro do Bogum nos Herkovits papers. IN: GOMES, Flávio; COSTA, Valéria. Religiões negras no Brasil: da escravidão à pós emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2016. pp.: 129-149.
- \_\_\_\_\_. A formação do candomblé: história e ritual da nação jêje na Bahia. 3ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2018.
- \_\_\_\_\_. O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga costa dos escravos na África Ocidental. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2016.
- PENA, Rodolfo. O que é cidadania? In: BrasilEscola. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-cidadania.htm>>. Acesso em: 20/9/2020.
- PEREIRA, Joseane. Griots: os contadores de história da África Antiga. In: Aventuras na História. Disponível em: < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-griots-contadores-de-historias-da-africa-antiga.phtml>>. Acesso em: 22/2/2021.
- PEREIRA, MARCO. Carta à mãe África: desafios e possibilidades no ensino de história da África e da cultura afro-brasileira. In: Revista História Hoje. 8(15), pp.: 239-262. 2019.
- PRESSE, F. Lucy, a famosa australopithecus, provavelmente morreu em queda. NET. 29/08/2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/08/lucy-famosa-australopithecus-provavelmente-morreu-em-queda.html>>. Acesso em: 4/7/22.
- PORTAL APRENDIZ. Terreiros são alvo de intolerância religiosa e racismo no Brasil. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/07/17/terreiros-sao-alvo-de-intolerancia-religiosa-e-racismo-brasil/>>. Acesso em: 9/2/2022.
- PORTAL G1. Intolerância religiosa: religiões de Matrizes Africanas foram as que mais sofreram em 2021. In: Relatório da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (2022). Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/intolerancia-religiosa-religoes-de-matrizes-africanas-foram-as-que-mais-sofreram-em-2021-10232260.ghtml>>. Acesso em: 9/2/2022.
- POLI, Ivan. Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora. Rio de Janeiro: Palas, 2019.
- PRANDI, Reginaldo. Afro-brasileiro: etnia, identidade e religião. In: Revista USP. São Paulo. n. 46, pp.: 52-65, jun-ago, 2000.
- \_\_\_\_\_. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. In: Rev. bras. Ci. Soc. 16 (47) Out 2001. (Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300003>).
- \_\_\_\_\_. Conceitos de vida e morte no ritual do Axexê: Tradição e tendências recentes dos ritos funerários no candomblé. In: LODY, R.; MARTINS, C. (Orgs.). Faraimará - o caçador traz alegria. Rio de Janeiro: Pallas, 2000, pp.: 174-184.
- \_\_\_\_\_. Mitologia dos orixás. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. 2005. Disponível em: < [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf) >. Acesso em : 19/2/2021.
- RABELO, Miriam. Considerações sobre a ética no candomblé. In: Revista Antropologia. São Paulo, Online, 59(2): 109-130 [agosto/2016].
- \_\_\_\_\_. Obrigações e a construção de vínculos no candomblé. In: Mana 26 (1), 2020. (Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/mana/a/BgQgGLH9FwwnhcrKLbqcRBG/?lang=pt>>. Acesso em: 28/8/2022).
- RAMALHO, A. Canal Educação. NET. Disponível em: <[https://www.canaleducacao.tv/images/slides/41103\\_d353a629ca94e6a93a06227d578fcfb1.pdf](https://www.canaleducacao.tv/images/slides/41103_d353a629ca94e6a93a06227d578fcfb1.pdf)>. Acesso em: 10/9/22.
- REDE SOLARIS. As primeiras cidades, a estratificação social e o aparecimento do Estado. NET. 19 de março de 2015. Disponível em: < <http://redesolaris.blogspot.com/2015/03/as-primeiras-cidades-estratificacao.html>>. Acesso em: 4/5/22.
- RILLY, C. Recent Research on Meroitic, the Ancient Language of Sudan 1. NET. 2010. Disponível em: < <https://www.semanticscholar.org/paper/Recent-Research-on-Meroitic%2C-the-Ancient-Language-1-Rilly/91dafa98c67b6bf962919c9bb626ef1e9fbefa0a>>. Acesso em: 10/9/22.
- REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1991.

- \_\_\_\_\_ . Candomblé in nineteenth-century Bahia. In: MANN, K.; BAY, E. Rethinking the African diáspora: the making of a black Atlantic world in the bight of Benin and Brazil. Londres: Frank Cass. 2001, pp.: 116-134.
- ROCHA, Agenor. Caminhos de Odu. 4ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.
- RODRIGUES, Evandro. A Representação do Africano e Afro-Brasileiro Nos Livros Didáticos de História Após a Lei 10.639/03: Entre Escritos e Perspectivas Docentes. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profhistória, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.
- RODRIGUES, Claudia. Nas fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- RODRIGUES, Douglas. Cientificismo e Positivismo Lógico: Anotações triviais de um pensador maldito. 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@DouglasRodrigues/cientificismo-e-positivismo-l%C3%B3gico-anota%C3%A7%C3%B5es-triviais-de-um-pensador-maldito-c0dba890c66f>> Acesso em: 10/7/2020.
- SANT´ANA, Antônio O. de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org.). In: Superando o racismo na escola. Brasil / MEC, 2005, pp.: 39-69.
- SANTOS, Beatriz. Entre mouros e cristãos: os mandingas da “Guiné de Cabo Verde” século (XVI e XVII). Tese de mestrado em História. Niterói: UFF, março/2013.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria. (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Ivanir dos. A caminhada em defesa da liberdade religiosa e seus desafios para a construção do diálogo inter-religioso. In: Numen: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, v. 22, n. 1, jan./jun. 2019, pp. 26-42.
- \_\_\_\_\_ . História da Intolerância e vestígios históricos para a reconstrução de uma memória coletiva das religiões de matrizes africanas. In: Revista Jesus Histórico. Rio de Janeiro, 19, 2017, pp.: 38-50.
- SANTOS, Bruno dos. Raça, racismo e questão racial no ensino de história: uma análise a partir dos livros didáticos. Dissertação de mestrado. UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2018.
- SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nàgô e a morte: pàde, àsèsè e o culto de égun na Bahia. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SANTOS JÚNIOR, Sebastião Francisco dos. Júnior de Omulú: filho do homem da palha. Coleção Memórias de Axé. Rio de Janeiro: Empreword, 2021.
- \_\_\_\_\_ . Mãe Regina Bángbosé: eterna em minha vida. 1ª ed. V.3. Rio de Janeiro: Empreword, 2016.
- \_\_\_\_\_ . Mãe Regina Bánbogsé: o pode feminino no candomblé e sua importância na resistência dos povos tradicionais, uma releitura através da tenda dos milagres. Rio de Janeiro: Empreword, 2019.
- \_\_\_\_\_ . Awon omi Osalá. Rio de Janeiro: Empreword, 1ª ed. V.3. 2018.
- SCHWARCZ, Lilia. Dos males da dádiva: sobre as ambiguidades no processo da abolição brasileira. In: CUNHA, O.; GOMES, F. (Org.). Quase cidadãos: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, pp.: 16-25, 2007.
- SALAMI, Sikiru. Poemas de Ifá e valores de conduta social entre os Yoruba da Nigéria (África do Oeste) – São Paulo. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. 1999.
- SÃO BERNARDO, Augusto de. A lenda e lei: a ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo. In: Revista Odeere. Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018.

- SILVA, J.; FELIX, T. ASPECTOS básicos sobre o sujeito individual e a coletividade nas religiões de matrizes africanas. In: Revista Calundu – Vol.4, N.2, Jul-Dez 2020. Pp.: 156-168.
- SILVA, JOICE. Intolerância religiosa e teatro no ensino de História. Dissertação de mestrado. UFP –Universidade Federal do Paraná. 2018.
- SILVA, Sebastião Fernando da. A filosofia de Òrúnmilá-Ifá e a formação do bom caráter – Goiânia. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 12ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- SILVA, Rosângela Santos. Literatura e cultura: narrar a identidade religiosa em Viva o povo brasileiro de João Ubaldo Ribeiro. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Feira de Santana, 2015.
- SOUSA, Vania Maria C. de. Candomblé Angola: práticas ritualísticas no terreiro Rudembo Gunzo de Bamburucema. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 06, Vol. 10, pp. 20-48. Junho de 2019. Disponível em: <www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/candomble-angola>. Fonte:<http://rabiscosdeouvido.blogspot.com/2014/07/reconcavo.html>. Acesso em:10/9/22.
- SIMÕES, C. A relação entre a escolaridade e a pobreza: uma análise das políticas para democratização do acesso ao ensino superior no Brasil. In: <https://seer.imes.edu.br/index.php/REBES/article/view/2392/2298>. Acesso em: 19/2/2022.
- SLENES, Robert. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- SMITH, R. Kingdoms of the Yoruba. Londres: James Currey, 1988.
- SOARES, A. Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio. In: Revistas de estudos da religião, n.3, pp.: 45-75, 2002.
- SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negra brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.
- SOUZA, ODAIR DE. A educação para as relações étnico raciais no ensino de história: memórias e experiências de professoras da Educação Básica. Dissertação de mestrado. UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.
- SOUZA, Gonçalo cruz de. A casa de Airá: criação e transformação das casas de culto nagô: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Campo Grande. USP. Departamento de História. Mestrado em História Social. São Paulo, março de 2008.
- SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Impérios em concorrência: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- TAVARES, Leonardo. Esse terreiro tem história: ensinando história e cultura afro-brasileira por meio de um estudo sobre o candomblé. Dissertação de mestrado. UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2019.
- TAVARES, Fátima. Notícias sobre as festas no terreiro do pinho gege dahomé, a terra das cobras em Maragojipe-BA. In: Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades. Salvador : EDUFBA, 2015. Pp.: 213-226.
- SWEET, James. Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441 – 1770). Portugal, Lisboa: Edições 70, 2007.
- SOUZA, Junior. Dendê, Quizanga, Topá de Cima e Pinho. Salvador: Brasil com Artes, 2013.
- THOMAS, Louis-Vincent. La mort africaine: idéologie funéraire en Afrique noire. Paris: Payot & Rivages, 1981. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3346905f/f141.item>>. Acesso em 29/12/2020. Pp.: 20-41, 123-129.
- THOMPSON, E. P. Educação e experiência. In: \_\_\_\_\_. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp.: 7-47.
- THORNTON, John. A África e os africanos no mundo Atlântico: 1400-1800. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- VERGER, Pierre. Notas sobre o culto aos orixás e voduns. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- \_\_\_\_\_. Orixás. São Paulo: Corrupio, 1986.

- TOBEY, A. Tradicionais casas de aldeia Yikpabongo. NET. 04 de dezembro de 2007. Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/pt/foto/tradicionais-casas-de-aldeia-yikpabongo-gm172421767-4827964>>. Acesso em: 10/9/22.
- TURCHIN, JONATHAN M. ADAMS & THOMAS D. HALL. East-West Orientation of Historical Empires and Modern States. In: Journal of world-systems research, xii, II, december 2006, pp.: 219-229.
- VANSINA, J. A Comparison of African Kingdoms. IN: Africa: Journal of the International African Institute. Cambridge University Press. Vol. 32, No. 4, Oct., 1962, pp. 324-335.
- VIEIRA, Guilherme. Religiosidades em coleções didáticas de história - História Sociedade e Cidadania [2013] e Nova História Integrada [2015]. Dissertação de mestrado profissional (ProfHistória). UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.
- VIEIRA, Bianca. Mulheres negras no Brasil: trabalho, família e lugares sociais. Campinas/ SP, 2018.
- WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala. In: Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, jul./dez. 2015. pp.: 585-590. Disponível em: <[http://revistas2.uepg.br/ojs\\_new/index.php/praxiseducativa](http://revistas2.uepg.br/ojs_new/index.php/praxiseducativa)>. Acesso em: 20/7/2020.
- \_\_\_\_\_. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTROGÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Comp.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores et al., 2019.
- WAREHAM, Christopher Simon. A Duty to Explore African Ethics? In: Springer Science+Business Media. B.V. Steve Biko Centre for Bioethics, University of the Witwatersrand, Johannesburg, Gauteng, South Africa. 10 / 7/ 2017.